



καιρός | kairós

Boletim do Centro de Estudos em
Arqueologia, Artes e Ciências do
Património

N.º 11 - Outono de 2021

Especial Epigrafia

CEAACP - UC/CAM/UALG

FICHA TÉCNICA

Título καιρός | kairós. Boletim do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património | **N.º 11**, Outono de 2021 | Especial Epigrafia

Editor do volume José d'Encarnação

Equipa editorial J. Alves Ferreira | L. Bacelar Alves | S. Gomes

Autores J. M. Abascal | J. Alarcão | J. Bernardes | J. Encarnação | M. González Herrero | J. L. Madeira | J. Andreu Pintado | A. Redentor

Imagem de capa A encenação criada por J. L. Madeira para o pedestal duma estátua equestre de *Pax Iulia*. (© J. L. Madeira)

Edição CEAACP

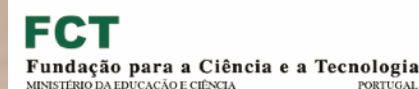
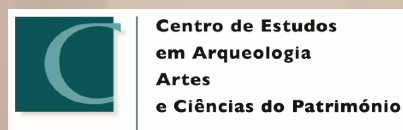
ISSN 2184-7193

DOI https://doi.org/10.14195/2184-7193_11

Suporte Digital | **Formato** PDF

Contactos ceaacp@uc.pt

Financiamento



ÍNDICE

EDITORIAL	1
A EPIGRAFIA NA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA E O MAGISTÉRIO DO DOUTOR JOSÉ D' ENCARNÇÃO	2
OS ESPÉCIMES EPIGRÁFICOS DA COLEÇÃO DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA	4
ANNIUS PRIMITIVUS E A ELITE MERCANTIL DE Balsa	30
A COMPOSIÇÃO	40
EL INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA DE LA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, MOTOR DE ESTUDIOS EPIGRÁFICOS	44
VALETE VOS VIATORES! LA AVENTURA DE LA EPIGRAFÍA ROMANA	54
EL FICHEIRO EPIGRAFICO DE COIMBRA Y LAS INSCRIPCIONES DE HISPANIA	68
PARA UMA EPIGRAFIA DO QUOTIDIANO	76

EDITORIAL

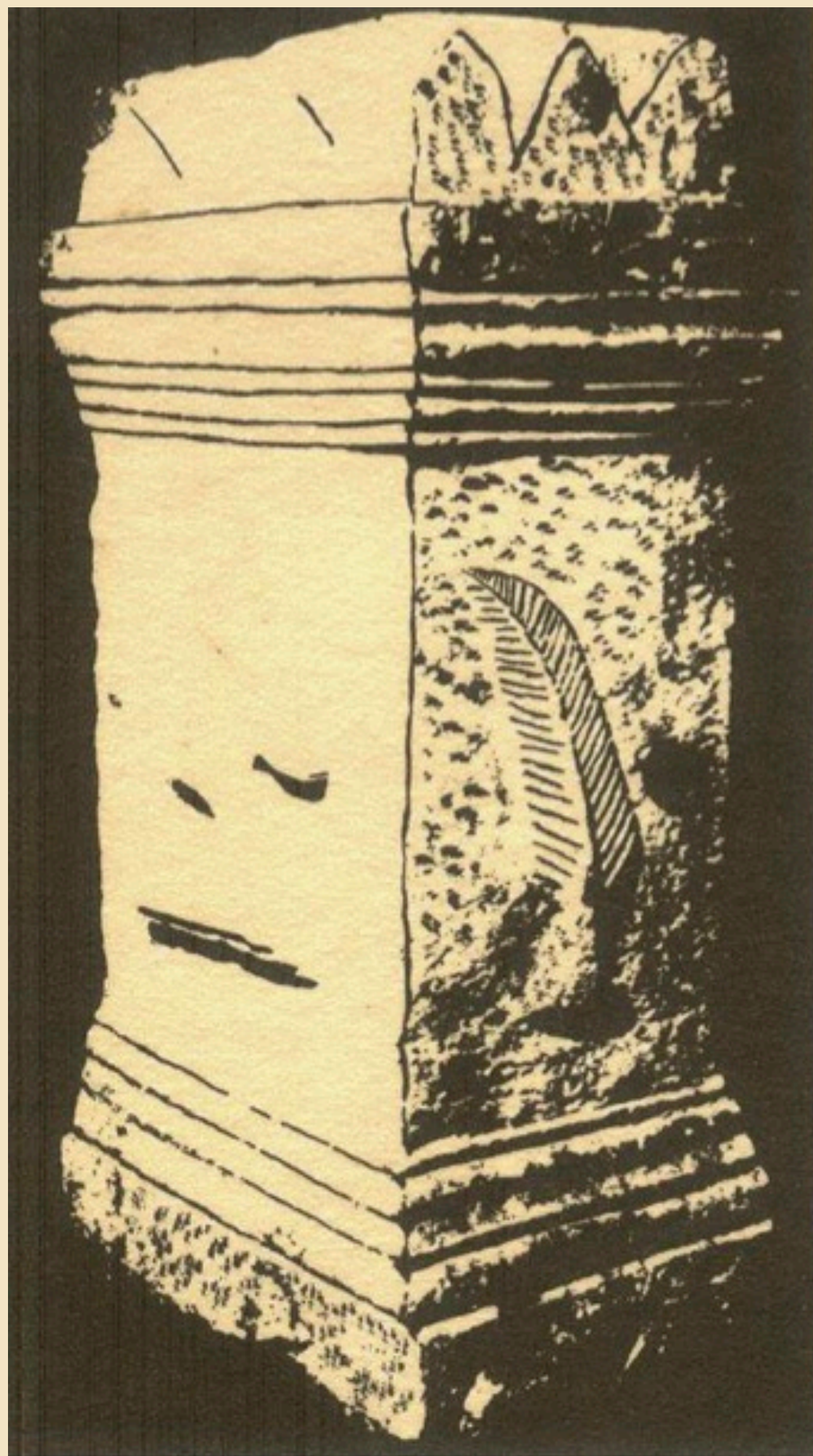
JOSÉ d'ENCARNAÇÃO

Partiu da iniciativa da equipa editorial da Kairós a ideia de se dedicar um número expressamente à Epigrafia. Agradei e aceitei.

Convidei para nele escrever o Doutor Jorge Alarcão, como responsável maior por este percurso; os doutores Armando Redentor e João Pedro Bernardes, pelo seu interesse em darem continuidade aos estudos epigráficos; o Dr. José Luís Madeira quis eu que nos explicasse o desafio enfrentado da edição do Ficheiro Epigráfico. Dos muitos estudantes espanhóis, italianos e franceses que estagiaram no Instituto de Arqueologia no âmbito da Epigrafia – a vários níveis, inclusive de pós-doutoramento – escolhi dois para nos darem conta da sua experiência: a Doutora Marta González Herrero, da Universidade de Oviedo, e o Doutor Javier Andreu Pintado, da Universidade de Navarra. A Juan Manuel Abascal – catedrático de História Antiga da Universidade de Alicante, um dos encarregados da 2ª edição do Corpus Inscriptionum Latinarum, que tem acompanhado de perto a actividade da «Escola de Coimbra» – solicitei um olhar de fora, descomprometido e crítico.

Ousei escrever «Escola de Coimbra» e isso leva ao que o Doutor Jorge de Alarcão escreveu acerca do papel importante que teve o Doutor Robert Étienne nesse impulso inicial. Tinha o Centre Pierre Paris, da Universidade de Bordéus III, uma equipa mui credenciada de epigrafistas. Com eles aprendi o que sei, não aDigite para introduzir textopenas nos estágios aí realizados mas também na constante partilha de conhecimentos que sempre tivemos. A publicação, em 1976, do volume II das Fouilles de Conimbriga, dedicado à Epigrafia, constituiu, de facto, o pontapé de saída para uma nova forma de encarar o monumento epigráfico na sua totalidade e na vastidão do seu contributo para a história da época romana e de todas as épocas.

Investigamos, hoje, «em rede». A pesquisa de um e os seus resultados beneficiam do labor de muitos outros, com que nos correspondemos e cujos trabalhos consultamos. Para todos, portanto, um enorme bem-hajam!



A Epigrafia na Faculdade de Letras de Coimbra e o Magistério do Doutor José d' Encarnação

Jorge de Alarcão | CEAACP - Universidade de Coimbra

Na década de 1950, quando frequentei, na Faculdade de Letras de Coimbra, o curso de Ciências Históricas e Filosóficas, era reduzido o ensino da Epigrafia. Esta disciplina era apenas semestral, com uma aula semanal de 45 minutos.

Regia então essa disciplina o Doutor Joseph Maria Piel. Excelente romanista, a quem os estudos de linguística e de toponomástica muito devem, não era um epigrafista.

Mais tarde, quando eu já tinha completado o curso, a Epigrafia viria a ser regida por um reconhecido paleógrafo e historiador, o Doutor Avelino de Jesus da Costa.

Não é necessário ser-se especialista para ensinar bem uma matéria. Por vezes, um especialista até ensina mal, enquanto um

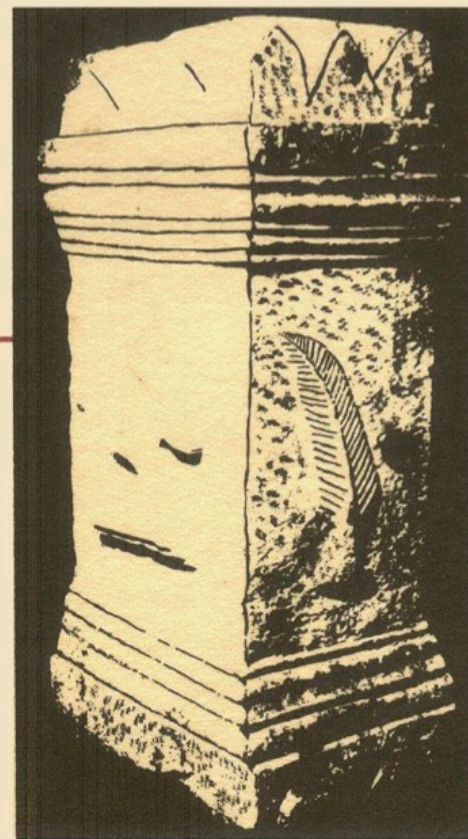
não-especialista (como era qualquer um dos citados professores) pode ensinar a matéria com a maior proficiência.

De qualquer forma, nem o Doutor Joseph Maria Piel, nem o Doutor Avelino J. da Costa se contam entre os epigrafistas portugueses; e também não motivaram alunos a dedicarem-se a estes estudos.

Tudo mudou em 1975. Responsável (entre outros) pela reforma dos estudos na Faculdade de Letras de Coimbra após a Revolução do 25 de Abril, e consciente da importância da Epigrafia, promovi-a a disciplina anual.

A quem havia de ser entregue a regência da cadeira?

DIVINDADES INDIGENAS SOB O DOMINIO ROMANO EM PORTUGAL



JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

2ª EDIÇÃO

COIMBRA • 2015

Um jovem que se havia licenciado na Faculdade de Letras de Lisboa com uma tese sobre *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal* — tese baseada em inscrições cuidadosamente revistas — era a escolha óbvia.

Foi assim que o Dr. José d'Encarnação veio ensinar para Coimbra.

Incapaz de o orientar numa matéria em que me sentia leigo, sugeri-lhe um estágio em Bordéus, com o Prof. Robert Étienne. Foi aí que José d'Encarnação aprendeu bem o ofício de ler, transcrever e comentar uma inscrição latina.

Com uma notável capacidade pedagógica, o Doutor José d'Encarnação fez o que em nenhuma escola universitária portuguesa se havia conseguido: pôs alunos (e muitos não alunos) a descobrirem, lerem e publicarem inscrições; em suma, formou discípulos.

Como ele mesmo escreveu, *o que conta na vida de um docente são as sementes que lançou*.

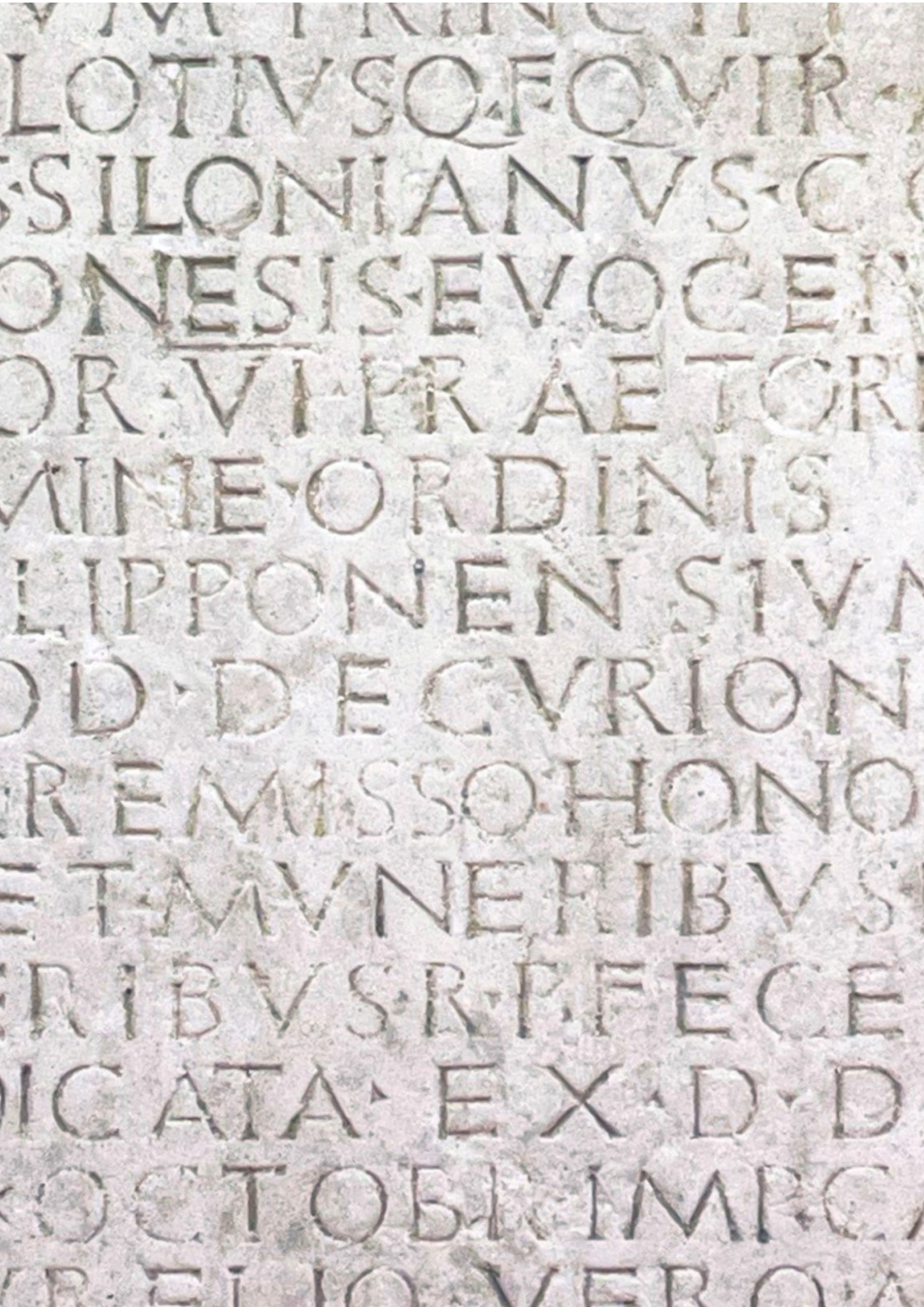
Lançou muitas, que frutificaram. Primeiro na revista *Conimbriga*, e depois no *Ficheiro Epigráfico*, publicaram-se centenas de inscrições inéditas, aumentando muito significativamente o corpus das inscrições romanas de Portugal. Mesmo quando os artigos publicados não têm, como coautor, o nome de José

d'Encarnação, sempre foi este quem apoiou a publicação, ajudando a resolver os problemas de leitura, interpretação e comentário onomástico e histórico. Aos autores portugueses vieram juntar-se espanhóis que viram no *Ficheiro Epigráfico* um meio internacionalmente credível de verem rapidamente publicadas as suas descobertas.

A Arqueologia, a Epigrafia e a Numismática sempre sofreram, em Portugal, da falta de uma escola. Se tivemos, desde finais do séc. XIX, notáveis investigadores, que discípulos formaram ou deixaram?

O Doutor José d' Encarnação formou escola. Aposentado há já uns anos, continua a publicar e a orientar outros que vão revelando, todos os anos, novas inscrições. A sua docência continua para além da jubilação.

Pela sua aposentação, ficou o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra sem docente especializado. Consciente da necessidade de uma tradição para que uma ciência se possa desenvolver sem hiatos que obrigam a um constante recomeçar, o vazio sempre me preocupou. Felizmente, não concluí a minha carreira de arqueólogo sem ver o lugar reocupado por um dos discípulos de José d'Encarnação: o Doutor Armando Redentor continuará a tarefa que José d' Encarnação iniciou em 1975.



https://doi.org/10.14195/2184-7193_11_2

Os espécimes epigráficos da coleção do Instituto de Arqueologia

Armando Redentor | Universidade de Coimbra |
Faculdade de Letras | DHEEAA-IARQ | CEIS20

Do ensino da Epigrafia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e da importância da Didática

Remonta a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra à Primeira República. Já centenária, foi criada em 1911 pelo Ministério do Interior, dirigido por António José de Almeida, em amplo projeto de laicização da Instrução Pública. O seu funcionamento foi afetado a diversas instalações até definitivo estabelecimento no atual edifício estado-novista (inaugurado em 1951), bem depois de uma tentativa de extinção, em 1919, por parte de Leonardo Coimbra, ministro da Instrução Pública do 20º governo da Primeira República.

Entre os lentes de Teologia que se transferiram para a novel Faculdade de Letras, destaca-se o nome de António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, então colocado no grupo de Filologia Românica, mas que viria a tornar-se num importante obreiro no âmbito da História, dando importante contributo em ciências fundamentais para estes estudos, como sejam a Paleografia e Diplomática, a Numismática e Esfragística, bem como, naturalmente, a Epigrafia.

Antes dos anos 70, há dois nomes fundamentais no ensino da Epigrafia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, desde logo por protagonizarem períodos longos de lecionação. Desde 1912 a 1927, a cadeira é regida por António de Vasconcelos e, a partir dos meados dos anos 50 até aos de 70, por Avelino de Jesus da Costa, ambos

sacerdotes. O período de lecionação do último teve interrupções breves, levando ao exercício docente da disciplina Manuel Oliveira Pulquério (1959-1961) e Walter de Sousa Medeiros (1962-1963). No período central da primeira metade do século sucedem-se outros nomes, designadamente Damião Peres (1929-1934), Torquato de Sousa Soares (1944-1947) e Joseph Piel (1939-1941 e 1947-1953). A partir de 1976 até à entrada no presente século, será José d'Encarnação a impulsionar o ensino da Epigrafia, com uma brevíssima descontinuação (1990-1991) assegurada por Vasco Mantas.

Desde a criação da Faculdade de Letras, a Epigrafia figura no curso de Ciências Históricas e Geográficas como cadeira integrante das então consideradas *ciências auxiliares da História* que, na senda do pensamento metódico vigente, permitiam a afirmação da autoridade do documento. Ficou então a cargo da secção com a mesma designação do curso, como consta do Regulamento das Faculdades de Letras (de Coimbra e Lisboa), de 19 de agosto, assinado por José António de Almeida (*Diário do Governo* nº 195, de 22 de agosto de 1911). Este regulamento atribui à Epigrafia um horário trimestral a coordenar com a Paleografia no primeiro semestre.



Uma das facetas a ressaltar do decreto relativamente à organização e natureza dos cursos respeita à forma de ministrar o ensino, que assentava na realização de lições magistrais facultativas (destinadas à transmissão do conhecimento), mas também em trabalhos práticos obrigatórios em diversas modalidades e exercícios de investigação científica, para os quais se definiu a criação um Instituto de Estudos Históricos, precisamente destinado a iniciar os alunos na componente investigatória, dentro das secções de Filologia, História e Filosofia que compreendia. Mas é igualmente significativo que também no diploma tenha sido previsto, para além da existência de biblioteca formada pelas principais obras e revistas com interesse para as diversas disciplinas ministradas, a existência de um museu constituído com todo o material de intuição e demonstração empregado no ensino, pelo qual se responsabiliza um conservador nomeado pelo Conselho, de entre os professores e assistentes.

A Epigrafia manterá a sua existência nas seguintes reformas da Faculdade de Letras (1918, 1926, 1930, 1957, 1968, 1978) e subsequentes alterações de planos de estudos produzidas, a partir de 1988, no quadro da autonomia universitária, ainda que com variações em termos de carga horária e de distribuição por anos e semestres, incluindo no atual modelo de estrutura relacional das licenciaturas produzido pela mais recente reforma da oferta educativa, em vigor desde 2015-16, alinhada com o processo de Bolonha.

Fig. 1 – Altar votivo com dedicatória a Tabúdico ([79]x48x48 cm). Foto: A. Redentor.

IVNIAEPEGLIARI
ANN XXII
LIVNIIVSRVIVS
MATRI F C

As moldagens de espécimes epigráficos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Será ao período inicial da Faculdade de Letras, no qual António de Vasconcelos assegura a cadeira de Epigrafia, que remontará uma parte dos espécimes epigráficos que hoje integram o Instituto de Arqueologia, nomeadamente algumas das moldagens que terão integrado a galeria de epigrafia que se encontrava em processo de composição aquando da tentativa de extinção da Faculdade de Letras em 1919.

O opúsculo que a Faculdade de Letras de Coimbra faz publicar nesse ano (*A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ao País*) como reação a esta tentativa protagonizada por Leonardo Coimbra, no efémero ministério da Instrução Pública do governo de Domingos Leite Pereira, é esclarecedor do processo constitutivo dessa galeria epigráfica ou aula-museu, como aí surge duplamente mencionada, para a qual o seu organizador almejava que representasse *todo o Portugal epigráfico*, e que ia sendo gabado por eruditos como José Leite de Vasconcelos, arqueólogo, linguista, filólogo e etnógrafo, Joaquim de Vasconcelos, historiador e crítico de arte, ou David Lopes, arabista.

O contributo de António de Vasconcelos neste processo é determinante, sendo provável que contasse igualmente com o empenho de outros nomes da Faculdade de Letras ligados à disciplina, como o de Manuel Gonçalves Cerejeira, que também dirigiu trabalhos práticos de epigrafia na instituição, conforme consta da proposta de nomeação como professor Ordinário de Ciências Históricas, com dispensa de provas públicas, feita ao Conselho da Faculdade de Letras, nesse mesmo ano.

O elogio da Faculdade de Letras realizado na Academia das Ciências por António Ferrão (de que se publica nota em *A época* de 31 de maio de 1919) também alude à aula de epigrafia – por esta altura anexa ao Arquivo da Universidade –, considerando que sendo já de importância, *será de futuro, certamente, um belo museu de “moulages” para o ensino da arqueologia e da arte antiga e moderna*. No mesmo sentido se expressa o professor e poeta Eugénio de Castro em entrevista concedida a um periódico pela mesma altura (*Diário de Notícias*, de 12 de junho de 1919), na qual, a propósito da secção de História se refere à galeria epigráfica *com um material tão rico de reproduções em gesso dos monumentos epigráficos do centro do país, que é o permanente assombro daqueles que um dia visitam a Faculdade*.



Este esforço na constituição da aula-museu de epigrafia é revelador da elevada preocupação com a componente didática da disciplina desde os primórdios da Faculdade de Letras, dimensão que, aliás, não deixa de estar bem presente no âmbito dos cursos de ciências históricas que as diferentes reformas foram afinando como reflexo de conjunturas políticas e preceitos teóricos diversos.

Fig. 3 – Moldagem do epitáfio de Cádio Cariano (73x54x7 cm). Foto: A. Redentor.

O recurso a fieis reproduções em gesso de inscrições é algo que se contextualiza no movimento de constituição de gipsotecas para facilitar o estudo da História da Arte, da Arqueologia e da Epigrafia, que se vê despontar em muitas cidades europeias e americanas, alguns em ambientes universitários, sobretudo na segunda metade do século XIX e princípios do XX, mas que tem raízes mais fundas no neoclassicismo do século XVIII.

O fundo, denominado Fundo Sá Pinto, instituído pela Universidade de Coimbra em 1930 com o legado do benemérito Alexandre de Sá Pinto, falecido em Buenos Aires em 1926, viu, em 1933, por deliberação do Senado Universitário, estabelecerem-se as bases para a concessão de subsídios que visam a aquisição de material reconhecido como indispensável para a realização de trabalhos de investigação e despesas com eles e a aquisição de material didático (ata da sessão de 13 de fevereiro de 1933). Este mesmo fundo virá a suportar algumas ações tendentes à organização e apetrechamento do Instituto de Arqueologia que

Fig. 4 (página ao lado) – Moldagem da dedicatória realizada a Antonino Pio divinizado em *Colliippo* (99x69x5,5 cm). Foto: A. Redentor.

DIVO A N TONIN
 AVG PIO P P
 OPTIMO AC SANCTI
 SIMO OMNIVM SAE
 LOR VM PRINCIP I
 Q TALOTIV SQ FO VIR A
 LIV SSILONIANVS C OL
 LIPPONESIS EVOGEIVS
 HOR VI PR AE TORIA
 NOMINE ORDINIS
 COLLIPPONEN SI VM
 QVOD DE CVRIONE
 VM REMISSO HONO
 RIO ET MVNERIBV SE
 NERIBV SR PFECERIN
 DEDICATA EX D D
 XIII OCTOBI IMRCAE
 LAURELIO VERO AVG
 T M VMIDIO QVADR
 COS II VIR
 ALLIOMAXIMO
 G SVLPICIOSILONIAN

Os espécimes epigráficos no *Museu Didático* do Instituto de Arqueologia

A constituição de uma estrutura museológica é algo que está na génese da própria Faculdade, como se viu, mas um *museu didático* expressamente associado à temática arqueológica é algo que surge com a criação do Instituto de Arqueologia, datada de 1954 e com inauguração ocorrida em 1958. Naturalmente, este núcleo é herdeiro dos materiais preexistentes na Faculdade de Letras, mas é fortemente enriquecido com algumas doações de materiais arqueológicos e epigráficos autênticos.

Neste último campo cumpre referir a receção do único monumento epigráfico original existente na coleção do *museu didático*. Trata-se de um altar votivo de fuste circular sobre base quadrada, incompleto no topo, marcado por uma decoração de grinaldas presas por bucrânios esculpida na matéria calcária, e dedicado a uma divindade indígena (Fig.1). Procede da região da Bairrada ou, na Antiguidade, do norte do território da *ciuitas de Aeminium* (Coimbra) e dá conta do voto realizado por um *C. Fabius Viator* a uma deidade que apenas aí se identifica pelo epíteto *Tabudico*, ao qual a análise linguística tem apontado carácter toponímico ou hidronímico. Foi encontrado em Murte de, em 1957,

durante a demolição de uma parede no sítio da antiga casa paroquial – encontrando-se, então, em reaproveitamento, como é frequentíssimo acontecer com outros monumentos pétreos – e oferecido, pelo Dr. José Zacarias d'Almeida Sampaio Costa e Nora, ao Instituto de Arqueologia em 1958-59.

Desde 1987, o Instituto de Arqueologia encontra-se instalado no Palácio de Sub-Ripas, sito na rua com o mesmo nome, e aí está exposta a referida ara, tal como os modelos gipseos referentes a algumas das mais importantes inscrições do centro de Portugal que transitaram do edifício da Faculdade de Letras. Todos eles se encontram emoldurados em caixilhos de madeira, permitindo a sua exposição suspensa nas paredes.

Estes elementos didáticos permitem ter reproduzidos diversos tipos de inscrições de época romana e medieval. Ao todo, a gipsoteca que nos é possível restituir reuniu duas dúzias de moldagens, maioritariamente de epígrafes do primeiro período (Quadro 1).

	Tipo de inscrição	Origem do original	Conteúdo	Bibliografia*
ÉPOCA ROMANA				
1	funerária	Coimbra	Epitáfio de <i>Aurelius Rufinus</i>	<i>CIL</i> II 368
2	funerária	Coimbra	Epitáfio de <i>Cadius Carianus</i>	<i>CIL</i> II 5241
3	funerária	Coimbra	Epitáfio de <i>Chrysis</i>	<i>CIL</i> II 374
4	funerária	Coimbra	Epitáfio de <i>Iunia Peculiaris</i>	<i>CIL</i> II 5242
5	funerária	Coimbra	Epitáfio da esposa de <i>Publicius Genialis</i>	<i>CIL</i> II 394
6	funerária	Montemor-o-Velho	Epitáfio de <i>Cadius Cella</i>	Vasconcellos 1913
7	funerária	Condeixa-a-Velha	Epitáfio de <i>C. Allius Auitus</i>	FC II 63
8	funerária	Condeixa-a-Velha	Epitáfio de [- - -](i)us Frontonis	<i>CIL</i> II 5243; FC II 52
9	funerária	Condeixa-a-Velha	Epitáfio de <i>Vibianus Vibi f.</i>	<i>CIL</i> II 393; FC II 74
10	funerária ?	Bobadela	Epitáfio (ou dedicatória a) de <i>Iulia Flauina</i>	<i>CIL</i> II 399
11	honorífica?	Bobadela	Dedicatória realizada pela flamínica <i>Iulia Modesta</i>	<i>CIL</i> II 396
12	honorífica	Coimbra	Dedicatória a Constâncio Cloro	<i>CIL</i> II 5239
13	honorífica	Leiria	Dedicatória a Antonino Pio divinizado	<i>CIL</i> II 5232
14	Votiva	Bobadela	Consagração a Vitória	<i>CIL</i> II 5245
15	Votiva	Condeixa-a-Velha	Consagração ao <i>Liber Pater</i>	FC II 13
16	Votiva	Mortágua (prox.)	Dedicatória aos <i>Lares Patres</i>	FC II 23a
17	Monumental	Bobadela	Dedicatória à <i>ciuitas</i> pela flamínica <i>Iulia Modesta</i>	<i>CIL</i> II 397
18	Monumental	Couto de Midões	Dedicatória de templo ao Génio do Município	<i>CIL</i> II 401
19	Monumental	Couto de Midões	Dedicatória de templo a Vitória	<i>CIL</i> II 402
20	Viária	Coimbra (Adémia)	Miliário de Calígula	<i>CIL</i> II 4639
21	Viária	Condeixa-a-Velha	Miliário de Constâncio Cloro	FC II 103
ANTIGUIDADE TARDIA E ÉPOCA MEDIEVAL				
22	funerária	Condeixa-a-Velha	Epitáfio de <i>Serenianus</i>	FC II 108
23	funerária	Coimbra	Epitáfio de D. Honório	EMP 397
24	funerária	Coimbra ?	Epitáfio de D. Mor Peres e D. Maria Gonçalves	EMP 695

* *CIL* II = HÜBNER, E. (1869/1892), *Corpus Inscriptionum Latinarum II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*, Berlim. *EMP* = BARROCA, M. (2000), *Epigrafia medieval portuguesa: 862-1422*, Lisboa. *FC* = ÉTIENNE, R., FABRE, G., LÉVÊQUE, P. e M. (1976), *Fouilles de Conimbriga II: épigraphie et sculpture*, Paris. VASCONCELLOS, J. L. (1913), Inscrição romana de Montemor-o-Velho, *O Archeologo Português*, 18, 101-102.





Fig. 5 – Moldagem da inscrição da sobreverga da igreja matriz de Bobadela (41,5x247x6 cm). Foto: A. Redentor.

A representação mais vasta respeita às inscrições funerárias romanas, o tipo com mais presença na paisagem epigráfica antiga. Uma dezena de moldagens com epitáfios supera a quota-parte das referentes a inscrições votivas, honoríficas e monumentais, com três exemplares de cada tipo, tal como das viárias, com dois.

Para lá desta dimensão da distribuição quantitativa por tipos, destaca-se que a seleção de inscrições realizada teve um evidente e exclusivo critério regional. As do período romano têm por base originais associados a quatro importantes cidades do Ocidente lusitano, localizadas no centro de Portugal: *Aeminium* (Coimbra), *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova), *Collippo* (Golpilheira/Barreira, Batalha/Leiria) e *ciuitas* de nome desconhecido cuja sede é coincidente com os vestígios romanos da atual povoação de Bobadela (Oliveira do Hospital).

Deu-se igualmente atenção à estrutura interna dos conteúdos textuais optando-se por registos ilustrativos da diversidade que, neste campo, se observa em cada um dos tipos. Mas não deixa de também atender à tipologia dos suportes. Por exemplo, ao nível da epigrafia funerária representaram-se: o altar de base e capitel volantes (cipo prismático), a árula, a cupa, a urna cinerária, o bloco arquitetónico. Copiaram-se também fragmentos de inscrições cuja classificação em termos de suporte nem sempre é simples de estabelecer, pela sua dimensão diminuta, por não se conhecerem na sua tridimensionalidade ou, até, por desaparecimento.

A epigrafia de cronologia pós-romana está menos representada neste conjunto. Reporta-se a *Conimbriga* a réplica de um exemplar alti-medieval e à cidade do Mondego as duas de epígrafes baixo-medievais, todas retratando tipos funerários.

Os espécimes atualmente em exibição

Alguns dos modelos são atualmente observáveis em diferentes salas e espaços de circulação do interior do Palácio de Sub-Ripas. Não correspondendo à totalidade do conjunto conhecido, são uma mostra significativa, embora sem incluir qualquer exemplar de inscrições viárias.

O tipo funerário, o mais bem representado na paisagem epigráfica de época romana, surge ilustrado pelas moldagens dos epitáfios de *Iulia Peculiaris* e de *Cadius Carianus*, mandados gravar na cidade de *Aeminium*, que encerram os principais elementos estruturais deste tipo de textos (Fig. 2 e 3). Ambos integram a identificação do defunto e a idade de falecimento, a referência a quem dedica e a sua relação com o falecido (num caso o filho, noutro a mãe), além do formulário final. Mas diferenciam-se pelo segundo se iniciar com dedicatória aos Manes e rematar com uma expressão de comunicação com o leitor: *dic rogo qui transis sit tibi terra levis* (tu que passas, rogo-te que digas: que a terra te seja leve). Estas diferenças têm inclusive significado cronológico, pois se este epitáfio é indiscutivelmente atribuível ao século II, o primeiro será anterior, podendo recuar aos finais do século I.

A face epigrafada de uma impressionante inscrição honorífica de Leiria, que se encontra embutida numa parede da capela de Nossa Senhora da Pena do Castelo, está representada numa outra moldagem (Fig. 4). O original foi dedicado, em 19 de setembro de 167, ao imperador Antonino Pio divinizado, em nome do senado de *Collippo*, por um cidadão local, *Q. Talotius Allius Silonianus*, em razão de o terem feito membro desse órgão, com a benesse de dispensa do honorário e das funções e encargos públicos. Constitui importante documento para a história da cidade romana cujas ruínas se identificam no monte de São Sebastião do Freixo, ao fazer referência a decisões do *ordo* local e a uma das vias de provimento deste órgão (neste caso com receção de um militar realistado, *euocatus*, que serviu na guarda pretoriana), bem como aos duúnviros do ano em causa. Mas é também um interessante testemunho das vias de desenvolvimento do culto imperial na cidade, sendo a inscrição, ao que tudo indica, correspondente a um pedestal marmóreo dedicado por decreto decurional.



Fig. 6 – Moldagem do epitáfio (ou dedicatória) referente a Júlia Flavina (73x81,5x6,5 cm). Foto: A. Redentor.

GENIO OMNINO
CANTIVS
EX PATRIM

IPITE M PLVM
MODESTINVS
ONIO SV O

VICTORIA
CANTIVS
EXPATRI

ETEMPLVM
MODESTINVS
MONIOSVO

Quatro moldagens respeitam a inscrições da *ciuitas* com sede em Bobadela, com a particularidade de duas reproduzirem apógrafos de inscrições romanas alto-imperiais. Destas, uma corresponde à inscrição da sobreverga da porta principal da igreja matriz, uma cópia setecentista do letreiro romano existente numa nave do templo que precedeu o que hoje existe, pela qual se comprova que corresponderão as ruínas arqueológicas locais a uma sede de *ciuitas*. A outra regista epígrafe que é igualmente cópia de texto antigo realizada na mesma centúria e que está presente num dos cunhais da torre sineira. As remanescentes respeitam a par de peças que permanecem na povoação próxima de Couto de Midões, já do concelho de Tábua, integradas na capela de São Sebastião, mas ambas procedendo verosimilmente da freguesia oliveirense.

A cópia da sobreverga da matriz bobadelense é particularmente interessante, pois para além de reproduzir o texto antigo, com notórias deficiências de transcrição, dispõe da legenda ESTE LETR^o SE A/CHOV NA IGR^a VELHA, a enquadrá-lo de ambos os lados, seguida de cartela com a data de 1746 (Fig. 5). O texto original é de elevado valor histórico ao registar um ato munificente de uma sacerdotisa do culto imperial, *Iulia Modesta*, para com a *ciuitas* local, aí qualificada de esplendidíssima, mas cujo nome ainda se ignora. A segunda cópia referida, texto funerário ou honorífico visando mulher da elite local, também da família dos Júlios, *Iulia Flauina*, apresenta igualmente deficiências

de transcrição, não só no desenho das letras, mas inclusive na interpretação das mesmas, reconhecendo-se não haver total fidedignidade relativamente à peça original (Fig. 6). São, por isso, modelos de inscrições com elevado valor didático, nomeadamente no que respeita à crítica epigráfica.

As duas outras modelagens representam a face epigrafada de compridos blocos arquitetónicos moldurados que documentam a ereção de templos dedicados ao Génio do Município e Vitória na *ciuitas* (Fig. 7 e 8). Ambos são mandados executar por *C. Cantius Modestinus* que, a expensas suas, patrocina as obras de construção dos edifícios religiosos mencionados e que também se reconhece pela sua ação magnífica em Idanha-a-Velha, capital da *ciuitas* dos Igeditanos. São exemplos claros de epigrafia edilícia e testemunhos de um personagem digno de realce neste setor lusitano por volta da época flaviana.

Tal como as anteriores peças, as deste conjunto bobadelense eram bem conhecidas da investigação epigráfica e constantes do volume II do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, referente às inscrições hispânicas, que a Academia das Ciências de Berlim fez publicar na segunda metade do século XIX, mas, decerto, terão sido também do particular conhecimento de António Vasconcelos, considerando que é originário do concelho de Oliveira do Hospital.



Seguramente mais recente que as moldagens primevas da sala-museu da Faculdade de Letras é a réplica da árula encontrada em *Conimbriga* por volta de 1929, representante da epigrafia votiva neste conjunto de cópias de gesso, dedicada ao *Liber Pater* ou Baco (Fig. 9). Este diminuto altar, atribuível à segunda metade do século II, constitui-se como prova do culto a este popular deus da fecundidade na urbe que encabeçou as terras meridionais ao Baixo Mondego, pelas mãos de um indivíduo, *Valerius Daphinus*, cujo cognome de origem grega tem concitado suspeitas de origem servil.¹

Os restantes moldes expostos dizem respeito a epigrafia pós-romana. Em concreto, duas inscrições funerárias coimbrãs baixo-medievais, lavradas em matéria calcária e marcadas pela grafia uncial, mas também pela inclusão de campos historiados, reconhecíveis como produtos de ateliê do aro de Coimbra precisamente pelas temáticas expostas. Uma, datada de 18 de Março de 1282, é referente a D. Honório, sacerdote da Igreja de S. Pedro de Cantanhede, e encontrava-se, no século XIX, no claustro da Sé Velha de Coimbra, integrando atualmente o Museu Nacional Machado de Castro (Fig. 10). O texto, datado pelo Ano da Encarnação, seguindo o Cômputo Florentino, e pela Era, destaca-se pela disposição em torno de relevo da

Virgem coroada, sentada em trono e segurando o Menino, do qual consta a imagem do defunto em oração. A outra, que não se encontra datada, será posterior e atribuível à centúria seguinte, referindo-se o texto, que ocupa a parte superior da metade esquerda, ao sepultamento de D. Mor Peres e D. Maria Gonçalves (Fig. 11). A metade direita é, a toda a altura, reservada ao relevo escultórico da Crucifixão, com a figuração de Cristo na cruz ladeado por figuras femininas que representam Nossa Senhora e Maria Madalena. A proveniência do original, que também faz parte do acervo do Museu Nacional Machado de Castro, é desconhecida.²

¹ Réplicas desta peça com finalidade comercial foram realizadas no Museu Monográfico de Conímbriga entre 1986 e meados dos anos 90, com posteriores séries executadas por produtores externos (informação de Virgílio H. Correia). A sua portabilidade faz dela um instrumento didático de bastante valia, com possibilidade de utilização em sala de aula, obviamente em conjunto com outros recursos, nomeadamente digitais.

² Como curiosidade, refira-se que ilustra a capa da última edição em papel da obra *Apontamentos de Epigrafia Portuguesa*, de J. M. Cordeiro de Sousa, publicada pelo Instituto de Arqueologia e de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1983.

Passado e futuro

O ensino da Epigrafia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra apresenta um historial importante que remonta à criação desta escola secular, sendo de sublinhar que, desde o início, são claras e notórias as preocupações com a componente didática. Assim se justifica a coleção de moldagens de gesso que se foi constituindo como ferramenta fundamental para a prática do ensino e da aprendizagem.

Em pleno século XXI vivemos sob o signo do pós-digital e conhecemos bem as oportunidades que a tecnologia informática desbrava em termos de formação e de comunicação.

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra continua a buscar a vanguarda da ciência e do ensino, pelo que também no âmbito da Epigrafia procura acertar o passo com o presente. Em 2019 integrou uma candidatura a fundos europeus do programa Europa Criativa conjuntamente com as universidades de Navarra, Bordéus e Roma, o Museo Nazionale Romano e o

Município de Idanha-a-Nova. O projeto *Valete Vos Viatores: travelling through Latin inscriptions across the Roman Empire* apresentado nesta candidatura foi aprovado e alguns dos produtos que resultarão deste esforço comum (documentários, videojogo e museu virtual) serão, em termos didáticos e pedagógicos, ferramentas utilíssimas para a promoção e o ensino da Epigrafia, designadamente de época romana.

Mas a virtualização de objetos, cada vez mais em voga e simplificada, não tem que inviabilizar a utilização de outros materiais didáticos mais clássicos, sobretudo quando preexistem. O caso das moldagens de gesso de espécimes epigráficos é um dos exemplos desses recursos instrucionais, pelo que muito nos aprazeria que se pudesse vir a repensar a sua concentração em espaço único que lhes fosse dedicado, de modo a mais facilmente verem prosseguida a sua finalidade didática, abrindo simultaneamente uma perspetiva patrimonial relativa ao papel formativo e científico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ao longo de um século e uma década de existência.



Fig. 11 – Moldagem do epitáfio de D. Mor Peres e D. Maria Gonçalves (46x40,5x5 cm). Foto: A. Redentor.

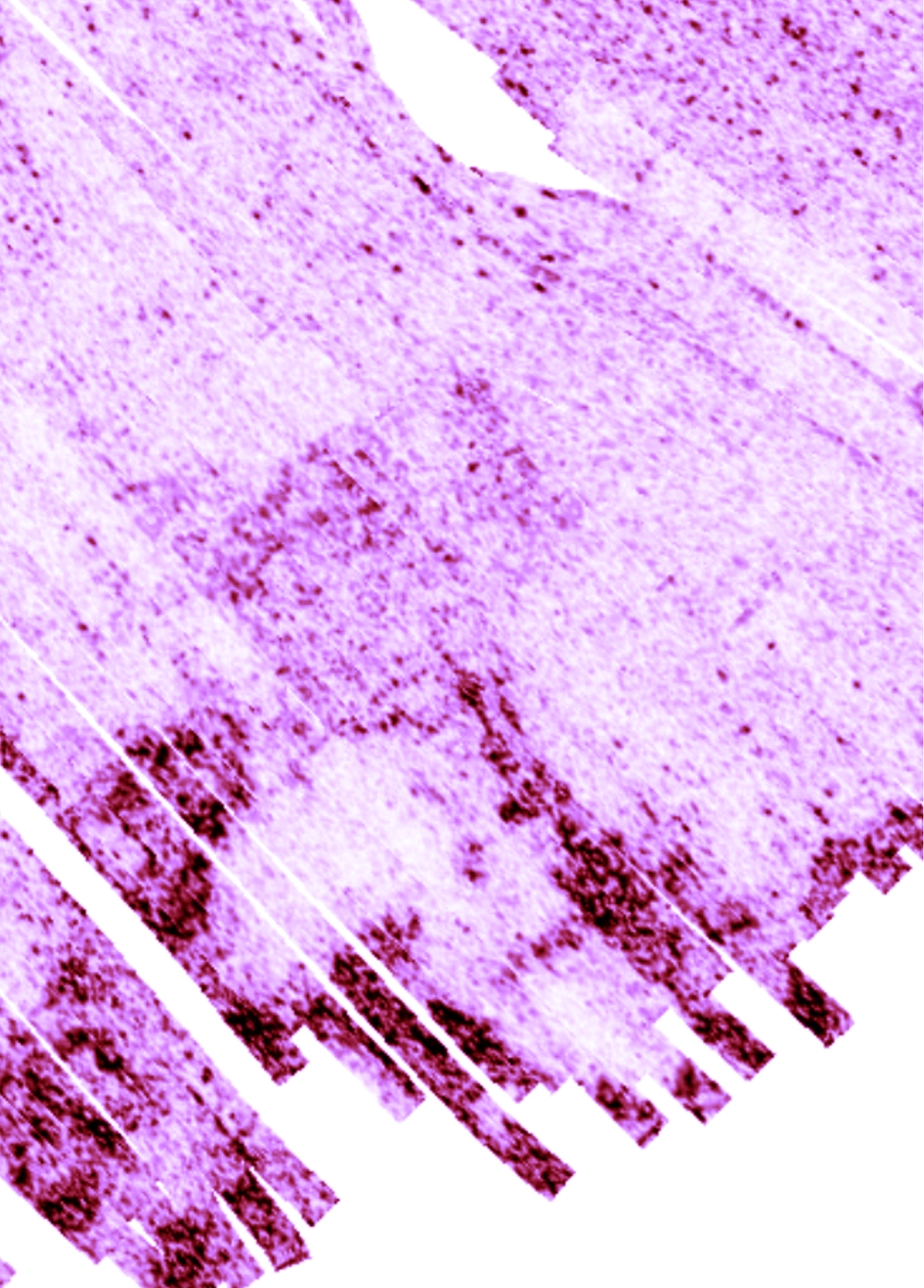
Outras leituras

Encarnação, José d' – O Museu Didático do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra: realidades e perspectivas. In *Museus Universitários, sua inserção activa na cultura portuguesa: Actas do Colóquio APOM 78*. Coimbra, 1982, 53-57.

Encarnação, José d' – A disciplina de Epigrafia na Faculdade de Letras de Coimbra. *Bíblis*, n. s. IX (2011), 109-123.

Torgal, Luís Reis – A Faculdade de Letras de Coimbra: uma escola universitária na República. *Bíblis*, n. s. IX (2011), 33-69.

Vilaça, Raquel (coord.) – *O Instituto de Arqueologia: fragmentos da sua colecção*, Conimbriga, 2016.



***Annius Primitivus* e a elite mercantil de Balsa**

João Pedro Bernardes | CEAACP - Universidade do
Algarve

A epigrafia da cidade romana de Balsa (Luz de Tavira) revela-nos uma sociedade cosmopolita, essencialmente marcada por uma elite mercantil. Essa elite, ligada ao comércio marítimo mediterrânico, mantinha a cidade com relações próximas e privilegiadas a grandes centros de comércio, como *Ollisipo*, *Gades* ou à atual região da Tunísia, como se constata pela epigrafia de que o pedestal de estátua de *Annius Primitivus* é bom exemplo (CIL II, 13; IRCP 73). A epígrafe deste liberto, de carácter votivo e honorífico, é amiúde referida na bibliografia, tendo sido objeto de vários estudos específicos dado o seu interesse linguístico e cultural (por exemplo Encarnação, 2014 e 2018). Consagrada a Fortuna Augusta, o dedicante, numa ação benemérita em resultado da sua eleição ao sexvirato, refere que pagou às suas custas um espetáculo de barcas e outro de pugilismo para além de distribuir dádivas aos cidadãos (*barcarum certamine et pugilum sportulis etiam civibus datis*). Mais do que abordar em detalhe os eventos que a epígrafe nos revela, foquemo-nos no contexto socio económico da cidade de Balsa onde se enquadra *Annius Primitivus* (Fig. 1).



Fig. 1 - Epígrafe de *Annius Primitivus* (CIL II, 13; IRCP 73): *Fortunae · Aug(ustae) · / sacr(um) · / Annius · Primitivus / ob · honorem / IIIIvir(atus) · sui / edito · barcarum / certamine et · / pugilum sportulis / etiam · civibus / datis · d(e) · s(ua) · p(ecunia) · d(ono) · d(edit)*.

Ainda que não seja totalmente seguro que o *certamen* de barcas correspondesse a uma *navmachia* - etimologicamente batalha naval - podendo tratar-se antes de uma regata, com que também quadra bem a palavra *certamen*, teria que ser alguém com considerável influência e poder económico para se propor a organizar tal evento, independentemente da sua natureza bélica ou desportiva. *Annius Primitivus*, enquanto comerciante ligado ao mar, confrontava-se recorrentemente com o fenómeno da pirataria que, pelo menos, o preocupava. Dado o seu *mvnvs*, estaria certamente motivado e bem preparado para organizar um evento deste tipo que simulava ou se conotava com a perigosidade do mar e da resistência ou fuga a ataques piratas. Por outro lado, a sua riqueza e influência, permitiam-lhe levar para a frente tal tarefa que, pela complexidade e custo, era rara, conhecendo-se apenas três testemunhos epigráficos da sua existência, organizados em centros urbanos relevantes ou, mais frequentemente, pela casa imperial (Encarnação, 2018, p. 63 e 64).

É certo que a existência da ria Formosa, de águas calmas e sem ondulação, lhe facilitaria a tarefa dessa disputa com barcas, uma vez que não havia necessidade de recorrer a processos mais complexos como a inundação de um recinto de espetáculos ou de um fosso escavado para esse efeito, como fez César nos jogos triunfais de 46 a.C. no campo de Marte (Suetónio, *Caesar*, 39). Por outro lado, podemos imaginar que também não teria grande dificuldade em providenciar as barcas para tal evento, uma vez que, certamente, recorreria a embarcações do tipo *cavdicaria*, de fundo plano, que navegavam na ria, de que temos uma imagem nos mosaicos das ruínas de Milreu (Fig.2). Mas, ainda assim, não deixa de ser obra admirável para um notável de uma cidade nos confins do Império.

Que a riqueza deste balsense era avultada provam-no ainda as outras ações beneméritas que fez a par do certame das barcas, como a dádiva de dinheiros aos cidadãos balsenses ou o patrocínio de um outro *certamen* de pugilismo, algo aparentemente pouco comum por estas paragens. Importa, pois, saber de onde viria a inspiração, os meios e a riqueza para oferecer aos balsenses eventos pouco frequentes ou até mesmo algo exóticos para uma cidade lusitana.



Fig. 2 - Barco de fundo plano representado no mosaico do *podium* do templo de Milreu.

A epigrafia da época imperial revela-nos mais de uma dezena de eventos relacionados com combates de boxe, para além da referência a *cognomina* derivados da prática do pugilismo.¹ Desde logo é notória a sua frequência em África, particularmente na província da *Africa Proconsularis*, de onde são oriundos sete dos onze testemunhos epigráficos aludindo a este desporto (EDCS, 08691000; 25001454; 25501660; 23400825; 17701195; 17700389; 25001457). Os combates de boxe seriam naquela província bastante apreciados, ao ponto de serem tema escolhido para ilustrar mosaicos, de que se conserva um belíssimo exemplar no museu do Bardo, oriundo de *Thuburbo Majus* (Fig. 3). Aliás, não é apenas a prática do pugilismo que remete para aquela região romana de forte tradição púnica; toda a redação do texto epigráfico possui conotação fortemente africana, de que a expressão *barcarvm* é sintomática, como já foi assinalado (Mantas, 1998, p. 204; Andreu Pintado, 2004, p. 223-224).

Também o perfil de importação de cerâmicas, logo a partir de finais do século I e sobretudo do III, com uma forte presença de cerâmicas de cozinha e de mesa, bem como de ânforas, atesta uma forte ligação da cidade de Balsa à *Africa Proconsularis*, mais concretamente à região de Cartago e ao que corresponde o atual litoral da Tunísia. Mas são sobretudo os dados da epigrafia, refletidos quer na onomástica quer no conteúdo dos textos ou ainda na estética dos monumentos, os testemunhos mais eloquentes dessas ligações. Não é assim por acaso que uma das famílias mais influentes da cidade lusitana, a dos *Manlii*, possua um *nomen* muito frequente em África, não sendo este caso único entre as elites balsenses a atestar afinidades e contactos entre as duas regiões.

Se os negócios justificavam a maior parte desses contactos, pois que Balsa é uma cidade essencialmente mercantil, existe outro tipo de mobilidade, mais uma vez atestada pela epigrafia, que se refere a migrações. É o caso de *G. Bossivs Satvrninvs* que, vindo de *Neapolis*, se torna *incola balsensis*, antes de se radicar na capital conventual de *Pax Iulia* onde adquire a cidadania romana (CIL II 105 = IRCP 294). Percurso semelhante terá tido *Caecilia Mvstia* e seu marido, *L. Firmidivs Peregrinvs*, oriundos de Útica e que se radicam nos territórios de Mértola e daquela capital conventual (CIL II, 17 = IRCP 99). Mas de Balsa ou dos territórios vizinhos certamente que outros houve a fazer o caminho inverso, à semelhança do mertolense *Lucivs Messivs Frvctvs* que serviu na I Coorte Urbana, morrendo na cidade romana de Cafsa, atual Tunísia (AE, 1996, 1701).

Claro que, para além da *Proconsularis*, haverá relações estreitas com outras regiões do Império, igualmente atestadas pelos dados arqueológicos e epigráficos disponíveis, como é normal numa cidade portuária às portas do Mediterrâneo. Assim, a proximidade com a vizinha Bética é por demais evidente, ao ponto da maior parte das cerâmicas presentes em Balsa, particularmente no Alto Império, serem daí provenientes (Viegas 2011, *passim*); ou a epigrafia nos revelar vários nomina fortemente vinculados à região gaditana; ou ainda relações próximas com *Olisipo* e a vizinha *Ossonoba* onde encontramos as mesmas famílias mercantis. Mas, no contexto da província da Lusitânia, a influência norte africana em Balsa e sua região é de certa forma singular, como se depreende dos dados aduzidos, o que decorre de uma longa tradição que vem, pelo menos, do período púnico-turdetano.

¹ Como rapidamente se poderá ver na base de dados em linha Epigraphik-Datenbank Clauss / Slaby - EDCS.



Fig. 3 - Combate de pugilistas em painel de mosaico de *Thuburbo Majus* (Tunisia).

O perfil mercantil da sociedade é um dos tópicos mais marcantes que transpira da análise dos estatutos socioeconómicos dos indivíduos presentes na epigrafia balsense, onde metade dos trinta indivíduos com estatuto identificado são libertos e 30% dos nomes tem componente grega. O espectro social conhecido é completado por um conjunto de influentes cidadãos a que se vinculam alguns daqueles libertos e gente de estatuto servil. Com um poder aquisitivo elevado, as suas elites traziam produtos um pouco de todo o lado, cujo carácter excecional no contexto da arqueologia romana portuguesa tem marcado a imagem da cidade de Balsa desde finais do século XIX, quando se expôs pela primeira vez a coleção recolhida por Estácio da Veiga. Dos dados disponíveis, pode depreender-se que a fortuna granjeada pelos negócios que possibilitou a aquisição de algumas peças notáveis não terá bafejado apenas *Annivs Primitivvs*. Simbolizando, à boa maneira helenística, as virtudes divinizadas da esperança e da fortuna frequente entre essa elite do Mediterrâneo dedicada ao comércio, figura entre os achados de Balsa a estatueta a *Fortuna Spes* ou “Tyche”, peça importada, provavelmente no século II, onde a figura da deusa é representada com o pé esquerdo sobre a proa de um navio (Gonçalves, 2007, p.279). Esta peça (Fig. 4), bem representativa da forma como *Annivs Primitivvs* e outros seus conterrâneos obtiveram a riqueza, ao mesmo tempo que alude à barca do destino conduzida por Fortuna, é oriunda dos terrenos da antiga Quinta da Antas, local de onde são conhecidas duas lápides que testemunham a doação de 100 pés do *podivm* do *circvs* local por *L. Cassivs Celer* (IRCP 76) e por *G. Licinivs Badivs* (IRCP 77), outros dois burgueses possivelmente contemporâneos daquele, do século II, período de grande apogeu da cidade.



Fig. 4 – Estatueta de Fortuna (42,4 x 16,7 x 14,8 cm) com o pé esquerdo sobre a proa de um navio, símbolo do comércio e da boa fortuna dos que navegam as águas do Mediterrâneo, encontrada na Quinta da Antas (MNA: 12036 – Matriznet-foto José Pessoa).

Para além do tráfego marítimo e das atividades comerciais a que se dedicavam as elites balsenses, a exploração dos recursos locais, nomeadamente a transformação e exportação de preparados de peixe que justificaria boa parte dos seus proventos e poder aquisitivo, não tem sido suficientemente realçado na bibliografia. As investigações arqueológicas em Balsa, nomeadamente as do projeto em curso intitulado “Balsa, searching the Origins of Algarve”,² têm permitido conhecer alguns dados que nos ajudam a entender melhor a evolução da cidade bem como da sua economia. Nas escavações de 1977, Manuel e Maria Maia escavaram parte de uma fábrica de preparados de peixe situada a oeste da colina onde se situam as casas da Quinta de Torre d’Aires, em plena malha urbana. No alto da colina levantava-se, muito provavelmente, o fórum da cidade, tendo em conta não apenas a topografia do local, as estruturas que aí se encontram e o aplanamento artificial do seu topo que se ajustaria a tal localização, mas também porque boa parte da epigrafia comemorativa e honorífica da cidade é proveniente daí. A fábrica encontrada, situada a centena e meia de metros para nascente e já relativamente próxima das margens da ria Formosa, é do Baixo Império, apresentando as estruturas colocadas à vista vários blocos reutilizados de grandes edifícios.

² Projeto financiado pelo Programa Operacional CRESC Algarve 2020, do Portugal2020 (01/SAICT/2018 nº 39581). Mais informação em <https://balsa.cvtavira.pt/> -Datenbank Clauss / Slaby - EDCS.

Também nas escavações de 2021 voltou-se a encontrar outro complexo fabril, a mais de cem metros do anterior (Fig. 5), igualmente do Baixo Império, indiciando os resultados das prospeções não invasivas por georadar a existência de outras estruturas do mesmo tipo entre os dois pontos. Os resultados geofísicos voltam-nos a revelar um amplo complexo de estruturas junto à ria, mais para nascente, entre 300 a 400 metros do anterior, nos terrenos da antiga Quinta das Antas, e 100 metros depois ainda se veem os restos de tanques já referidos por Estácio da Veiga, no século XIX (Fig. 6). Face aos dados atuais começa, pois, a vislumbrar-se um elevado número de edifícios de processamento de preparados piscícolas numa extensa faixa ao longo da ria Formosa, que constituiriam um importante pilar económico da sociedade balsense. Importa agora apurar a cronologia desses complexos piscícolas e verificar se são compatíveis com os períodos em que a cidade apresenta indícios de maior riqueza e uma elite dinâmica, datável pela epigrafia da segunda metade do século II e Inícios do III, como é o caso da epígrafe de *Annivs Primitivvs*. Para já, parece que a cidade, com uma malha urbana bem menos extensa do que tem sido apontado, era rodeada por ricas *villae* pertencentes a membros da sua elite, surgindo fortes indícios de que em finais do século II ou inícios do III a urbe terá passado por um período de destruições a que se seguirá um período de reconstruções aproveitando materiais de antigos edifícios.

Fig. 5 – Cetária de uma fábrica do Baixo Império em rua de Balsa, escavada em 2021.



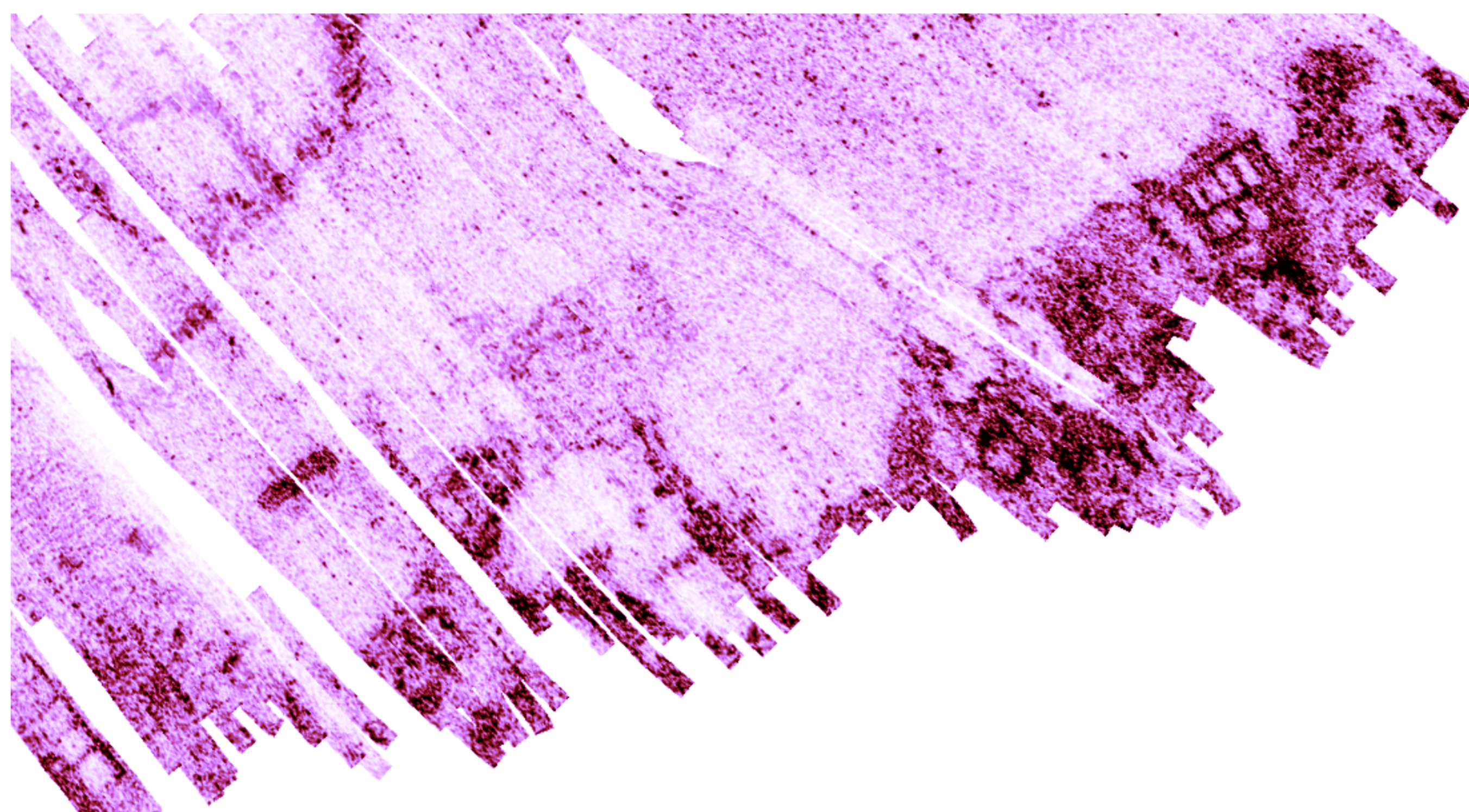


Fig. 6 –Anomalias geofísicas de leitura por georadar indiciando fábricas de preparados de peixe ao longo da ria Formosa em terreno da antiga Quinta da Antas.

Referências bibliográficas:

AE = *l'Année Epigraphique. Revue des publications épigraphiques relatives à l'Antiquité romaine*, Paris

Andreu Pintado, Javier (2004), *Munificencia pública en la provincia Lusitania (siglos I-IV d. C.)*, Zaragoza: Institución “Fernando El Católico”.

CIL II = Hübner, E. (1869 e 1892), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, Berlin.

EDCS - *Epigraphik-Datenbank Clauss / Slaby* : <http://www.manfredclauss.de> (consultado em 28 /10/2021).

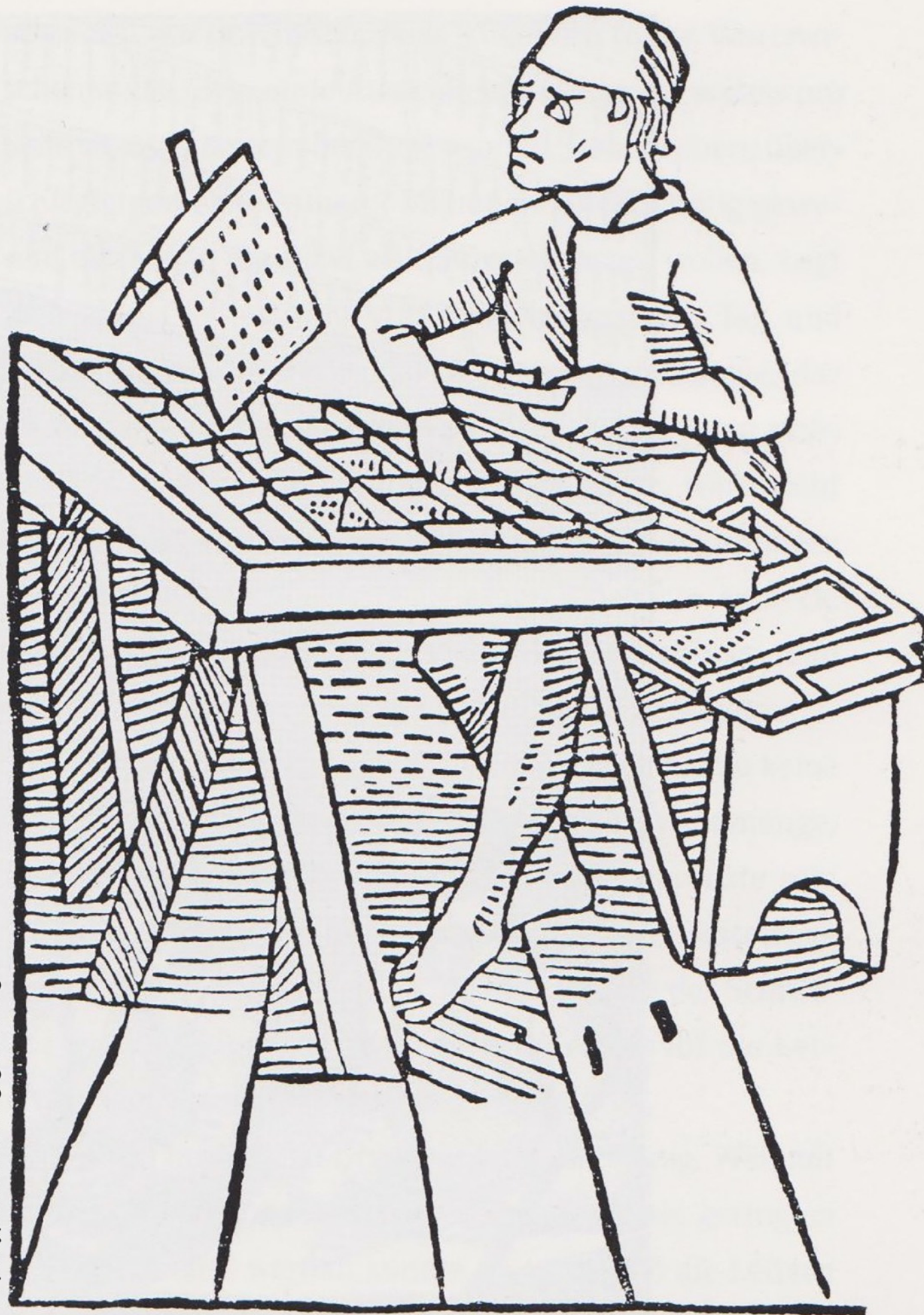
Encarnação, J. d', (2014), “A epígrafe latina como elemento didático (XXXIII): o colégio dos séxviros - religião e poder em evidência”, *Boletim de Estudos Clássicos*, Vol. 59, p. 95-102.

Encarnação, J. d'(2018), “A epígrafe latina como elemento didático (XXXV): a aparente inocência de um ex-voto a fortuna”, *Boletim de Estudos Clássicos*, Vol. 63, p. 81-88.

Gonçalves, Luís Jorge R. (2007), *Escultura romana em Portugal: uma arte do quotidiano* (2 Vols.), Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

IRCP = Encarnação, J. d' (2013²), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 19841, (2ª edição disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/578>). Mantas, Vasco G. (1998), “Navegação, economia e relações interprovinciais. Lusitânia e Bética”, *Humanitas*, Vol. 50, p. 199-239.

Viegas, Catarina (2011), *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*, Lisboa: Uniarq.



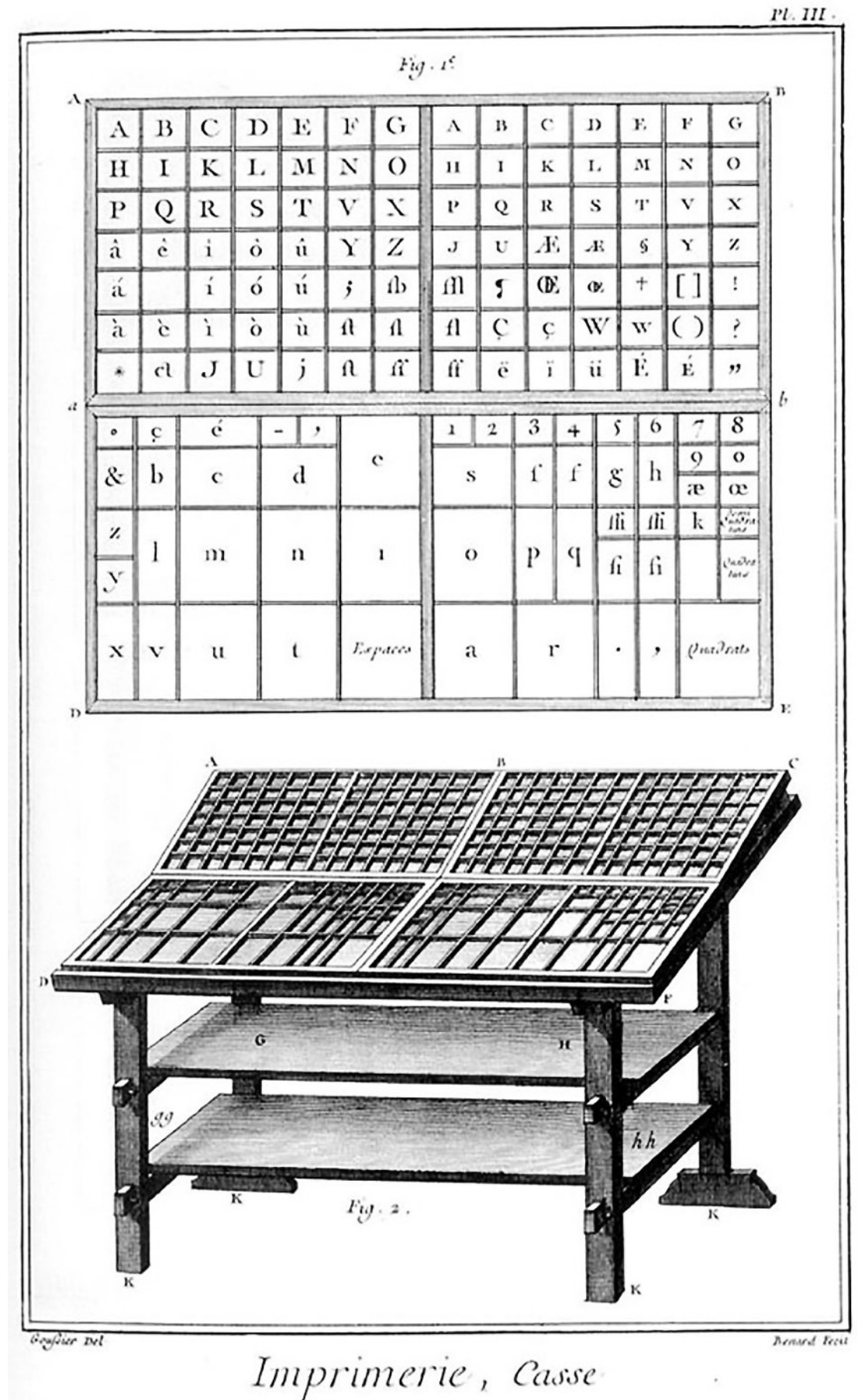
A composição

José Luís Madeira | Instituto de Arqueologia | Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

[A composição] É uma orquestra de caracteres, siglas, imagens, ideias, vontades e desejos que entram de início pelos olhos dentro, a serem arrumados de forma clarividente e luminosa de modo a construir uma leitura prática, elegante e fluida evitando a desordem e a incomunicação.

É uma construção de filigrana imbuída de gosto, arte e conhecimento, onde, no universo da tipografia clássica, antes se navegava num mar de componedores, tipos, espaços, pontos, cíceros, quadratins e entrelinhamentos agora convertidos e sublimados pelo digital, passado que foi o período da composição manual, da composição semi-automática, da fotocomposição e da composição digital, de início em *PageMaker*, agora substituída pelo *InDesign*.

Apesar da juventude dos seus trinta e nove anos de idade, o *Ficheiro Epigráfico* composto em caracteres da fonte *Times New Roman*, bem arrumado e contido nas suas dezasseis páginas de generosas margens brancas, atravessou todos estes processos de composição.





Serifa triangular
arredondada com
base côncava e jun-
ção curva (adnata)



Serifa triangular em
bico com base plana
e junção curva
(adnata)



Serifa linear ou filete
com junção reta
(abrupta)

A riqueza de conteúdos é fascinante o que torna a tarefa por si, sempre surpreendente e deveras interessante.

Agora, os textos devem chegar bem redigidos e estruturados, mas erros e gralhas – o flagelo do compositor – pagam-se caro também em tipografia. Princípios gráficos que assistem à publicação sempre presentes na mente do designer editorial, especificidades terminológicas, espaçamentos,

entrelinhamentos, parágrafos, itálicos, capitais e versaletes, felizmente não escapam ao olhar sábio e avisado do revisor, sempre atento e disponível.

E é então que, revista a prova e afinada, é a arte final comunicada e divulgada, agora tão só em formato digital, sempre com enorme gosto de um pequeno grande gesto.

Ars typographica elevat gentem



https://doi.org/10.14195/2184-7193_11_5

El Instituto de Arqueología de la Universidade de Coimbra, motor de estudios epigráficos

Marta González Herrero | profesora titular de Historia Antigua | Universidad de Oviedo

Corría el año 1997 cuando decidí emprender el largo camino que supone realizar una tesis doctoral. Durante los estudios de licenciatura en Historia en la Universidad de Oviedo, se acentuó mi gusto por la Antigüedad y descubrí una de las fuentes fundamentales para reconstruirla: las inscripciones grabadas sobre materiales duros de tipología diversa. De su estudio se ocupa la epigrafía, disciplina sobre la que un historiador portugués, escribió:

“Arrancada definitivamente do seu papel decorativo de ciência auxiliar da História, transformou-se já em gigantesco livro de pedra recheado das mais variadas informações. Esteve muda durante séculos. Guardou religiosamente e pacientemente os seus segredos. Está reservado para nós o supremo encanto de os desvendar”.¹

Y sucumbí a ese encanto. En ello tuvo mucho que ver Julián de Francisco Martín, mi querido profesor de epigrafía recientemente fallecido, quien a la postre fue el director de la tesis. Autor del

todavía hoy estudio de referencia sobre la Lusitania romana,² Julián me propuso estudiar la promoción social protagonizada por las élites de poder originarias de la provincia. No se trataba meramente de elaborar un corpus de personajes y analizar su trayectoria pública, sino de detectar qué podía haber de común en sus *cursus honorum*, para así identificar los mecanismos que pudieron intervenir en su ascenso en el seno de una sociedad tan jerarquizada como la romana.³

La fuente fundamental para abordar esta investigación es la epigrafía latina, especialmente los epitafios grabados en memoria de los notables, las dedicatorias votivas promovidas por ellos, los homenajes que recibieron y el recuerdo de sus iniciativas de beneficencia pública. Estos documentos nos dan a conocer los nombres y honores acumulados por quienes conformaron los grupos de poder en el ámbito cívico y provincial, pero también los de aquellos senadores (*clarissimi*) y caballeros (*equites*) de origen lusitano que llegaron a integrarse en los cuadros dirigentes de Roma (Fig. 1 a 3).

¹ Encarnação, José d', *Sociedade Romana e Epigrafia*, Setúbal, Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, 1979: 75.

² De Francisco Martín, Julián, *Conquista y romanización de Lusitania*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 1989.

³ González Herrero, Marta, *La promoción social de las élites lusitano-romanas y su presencia en los círculos dirigentes de Roma*, Oviedo, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Oviedo, 2001.



Fig. 1: *Tabula ansata* del edificio dedicado a la diosa *Trebaruna* por el duunviro caperense *M. Fidius Fidi f. Quir. Macer*. <https://db.edcs.eu>

Fig. 2 (página siguiente, à esquerda): Pedestal de la estatua de *Avita Moderati f.*, honrada con la ciudadanía caperense, puesta por su nieta en el foro de Capera. Cortesía del Museo Arqueológico Nacional

Fig. 3 (página siguiente, à direita): Pedestal de la estatua levantada en *Scallabis* en honor de *Aponius Capito*, *flamen* de la provincia de Lusitania. Fotografía de P. Aboim, cedida por gentileza de L. Mata a través de J. d'Encarnação



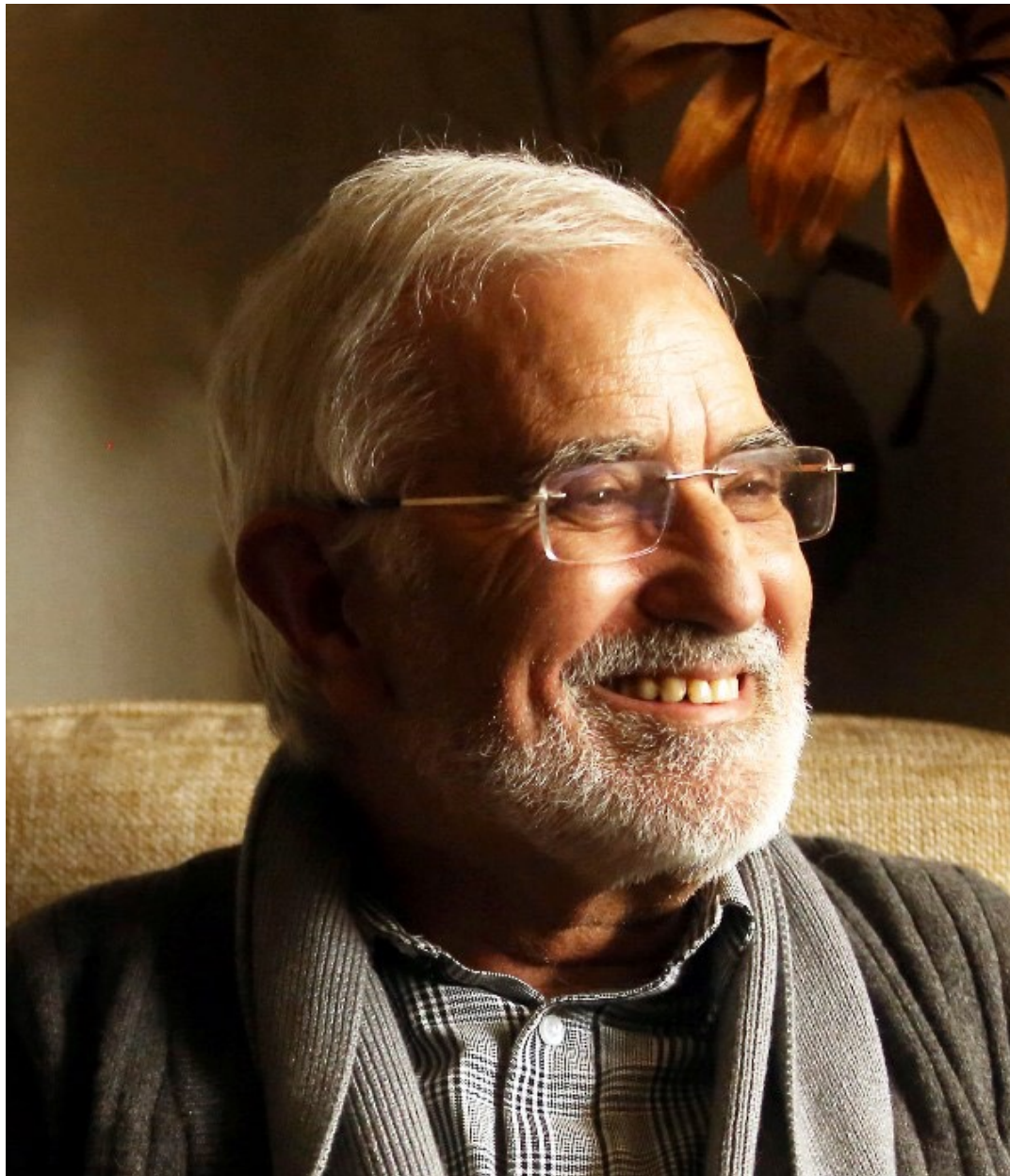


Fig. 4: José d'Encarnação

Debía comenzar por recopilar toda la documentación epigráfica aprovechable y la bibliografía en lengua portuguesa que necesitaba. Estas tareas entonces no resultaban tan fáciles de realizar desde la distancia, por lo que lo más práctico fue trasladarme a un centro de investigación que me ofreciera la posibilidad de hacerlo.

Logré obtener una beca del Ministerio de Asuntos Exteriores español, ofertada en el marco de un convenio de colaboración cultural suscrito con el Instituto Camões, gracias a la cual pude costear una estancia de seis meses en el Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra (año 1997-98).

Quien me animó a elegir este lugar fue José d'Encarnação, epigrafista de reconocido prestigio internacional y buen conocedor de la historia social, cultural y religiosa de Lusitania.⁴ Nos conocíamos porque formábamos parte del Grupo-Mérida, equipo que desarrollaba el proyecto Culturas y Sociedades de la Lusitania Romana, en el que participaban historiadores de la Antigüedad adscritos a las universidades de Cáceres, Salamanca, Cantabria, País Vasco, Sevilla, Oviedo, York, Bordeaux, Poitiers, Coimbra y Viseu (Fig. 4).

⁴ Sirvan como ejemplo tres de sus estudios: *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal: subsídios para o seu estudo*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975; *Inscrições romanas do conventus pacensis: subsídios para o estudo da romanização*, Coimbra, Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, 1984; *Epigrafia: as pedras que falam*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

Recuerdo la impresión que el Palácio de Sub Ripas causó en mí, especialmente su entrada de estilo manuelino y sus espléndidas ventanas renacentistas. Me emocionó la idea de trabajar en un edificio construido en el siglo XVI - en España no es habitual que negocios comerciales o centros académicos tengan lugares históricos por sede - y Coimbra me pareció una ciudad preciosa y acogedora, a la par que melancólica, en la que viví un tiempo muy enriquecedor tanto en lo personal como en lo profesional (Fig. 5).

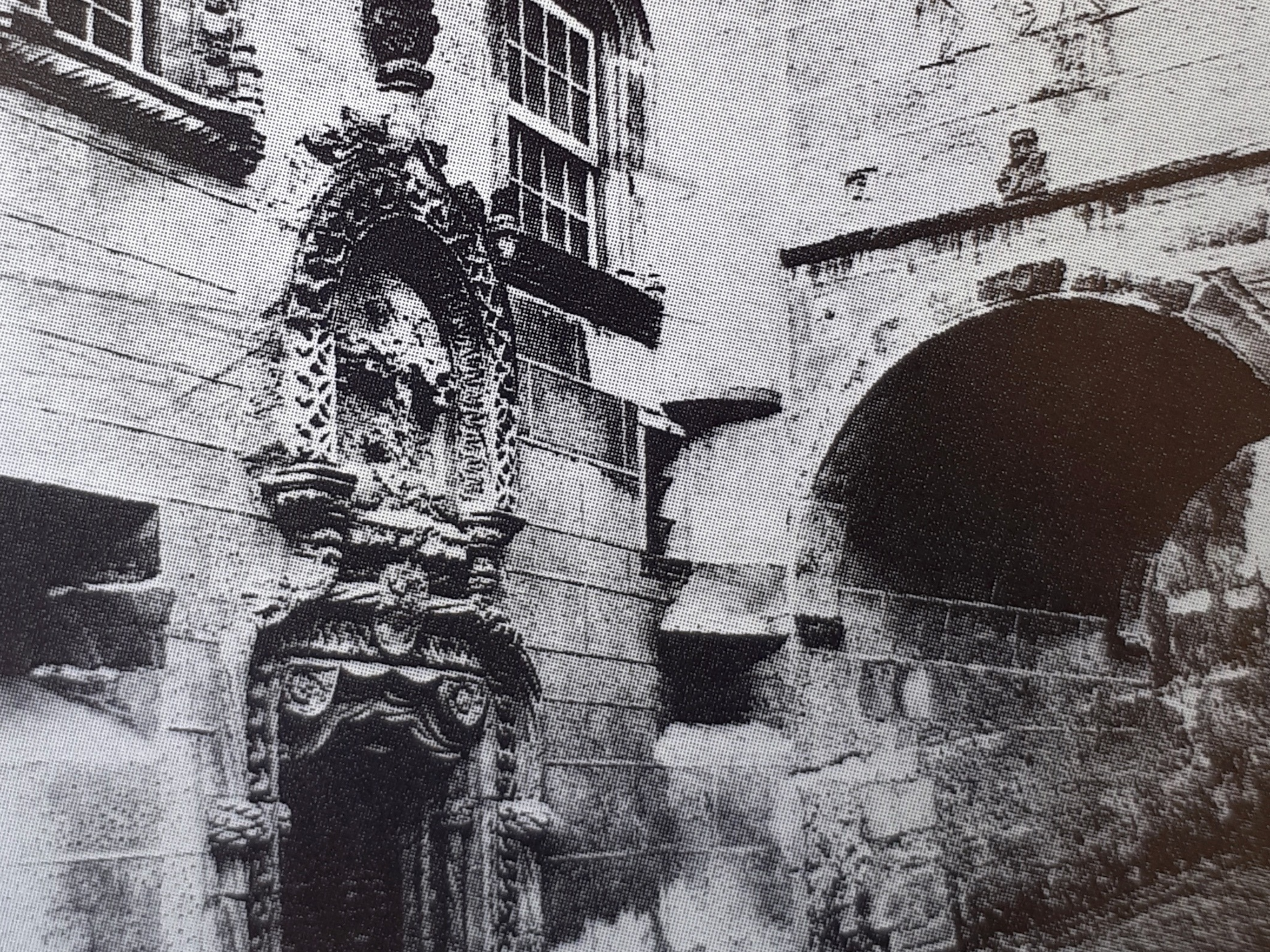
Tuve la oportunidad de compartir muy buenos momentos con quienes trabajaban en el Instituto de Arqueologia, gente estupenda de la que guardo un grato recuerdo: el doutor Vasco Gil Mantas, quien decía que los miliarios eran lo más chato de la epigrafía; la capacidad de trabajo envidiable de la doutora Maria da Conceição Lopes; José Luís Madeira, sentado cerca de mi mesa enfrascado en ilustrar la revista *Conimbriga*; Milu y Eunice, dispuestas en todo momento a orientarme para localizar un libro ...

La Universidade de Coimbra fue crucial en mi formación como epigrafista gracias a Encarnação, profesor catedrático de Historia (variante Historia y Arqueología), quien desarrolló gran parte de su labor docente e investigadora en el Instituto y hoy continúa haciéndolo en el Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP). Tuve y tengo la suerte de poder observar cómo trabaja un - según sus propias palabras - epigrafista militante, siempre riguroso a la hora de restituir y leer

las inscripciones, siempre con una vital actitud y entusiasmo por lo que hace, siempre dispuesto a ayudar...

En 1997 el Instituto de Arqueologia me ofreció la oportunidad de participar en una red internacional de investigación, cuya labor es decisiva para quienes manejamos documentos epigráficos. Me refiero al proyecto auspiciado por la Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaften que revisa y actualiza el *Corpus Inscriptionum Latinarum (CIL)*, editado por el historiador alemán Emil Hübner durante la segunda mitad del siglo XIX. Esta red está integrada por 500 investigadores que trabajan en universidades y centros localizados en los países cuyos territorios conformaron la "Europa romana". Me fue encomendado recopilar la epigrafía recogida en *Olisipo* y sus *agri*, material contenido en la edición del *CIL* II2, volumen que reúne las inscripciones latinas recogidas en España y Portugal.

Volví a Coimbra en julio de 2003, cuando el Instituto tenía a su cargo la elaboración del corpus de los miliarios romanos de Lusitania, en el marco del proyecto *CIL XVII – Miliaria Imperii Romani*. Fue implementado entre 2003 y 2006 bajo el impulso de la Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaften y la responsabilidad de Anne Kolb (Universidade de Zúrich). Contó con financiación de la Fundação para a Ciência e Tecnologia y tenía al profesor Encarnação como investigador principal en Portugal. En esta ocasión, mi modesta aportación consistió en elaborar el corpus de los miliarios recogidos en el territorio portugués al sur del río Duero.



Mi paso por Coimbra abrió un periodo de intensa colaboración académica e investigadora con la Universidad de Oviedo que se prolongó hasta hoy. Soy responsable de los convenios Erasmus de movilidad que mi Universidad tiene suscritos con las de Coimbra, Lisboa y Porto. Me hace ilusión que mi alumnado tenga la oportunidad de disfrutar de una experiencia similar a la mía en el país vecino.

Y, por supuesto, continuó trabajando junto a mi admirado José. Ambos formamos parte de un equipo luso-español de investigación junto a Armando Redentor, profesor auxiliar de la Faculdade de Letras de la Universidade de Coimbra y dos profesoras, Mercedes Farjas Abadía y Aroa Gutiérrez, adscritas a la Escuela Técnica Superior de Ingenieros en Topografía, Geodesia y Cartografía de la Universidad Politécnica de Madrid.

Desarrollamos un trabajo interdisciplinar en el que la ingeniería inversa y la epigrafía caminan de la mano. La primera aporta herramientas digitales para poder identificar textos grabados sobre piedra y la segunda ofrece material para aplicarlas, epígrafes de lectura complicada debido al mal estado de conservación del soporte.

Debemos a Aroa Gutiérrez Alonso el diseño de una metodología de tratamiento digital de fotografías RGB (rango del espectro visible - 400-700nm de longitud de onda) basada en el uso simple o combinado de filtros y algoritmos de procesamiento de imágenes. Con ella es posible mejorar el análisis de la profundidad de incisiones, dado que quedan resaltados algunos trazos ocultos a simple vista o en otro tipo de imágenes. La

ventaja que ofrece este análisis morfométrico es que permite tratar la epigrafía de modo no invasivo con herramientas de bajo coste aplicadas a fotografías originales.

Hasta ahora la hemos explorado en epígrafes de difícil lectura hallados en la antigua Lusitania. Sirva como ejemplo el tratamiento digital hecho por Aroa Gutiérrez Alonso y la revisión de lectura que Armando Redentor realizó de la inscripción grabada sobre una maravillosa estela recogida en Capela (Penafiel, distrito de Porto - Fig. 6 a 11). Las humanidades digitales abren nuevas perspectivas a la apasionante labor del epigrafista.

⁵ Gutiérrez Alonso, Aroa, *Representación morfométrica de grabados y petroglifos: nuevas tecnologías y procesos en el tratamiento digital de imágenes RGB*. Tesis Doctoral. Universidad Politécnica de Madrid. 2017. Disponible en: <https://bit.ly/3fB8ZWa>. Una síntesis sobre esta metodología en: Gutiérrez Alonso, Aroa, Farjas Abadía, Mercedes y Domínguez Gómez, Jose Antonio, "Engineering at the service of history: Paleolithic invisible images", *Virtual Archaeology Review* 5/11, 2014: 14–19. Disponible en: <https://bit.ly/3IGEbXA>.

⁶ Encarnação, José d', Farjas Abadía, Mercedes, González Herrero, Marta y Gutiérrez Alonso, Aroa, "Digitalização de documentos epigráficos: em busca de um deus e de uma oferenda (IRCP 339)", *Antrope* 9, 2018: 20-34. Disponible en <http://www.cta.ipt.pt>; González Herrero, Marta, "Catuenus Tongi f., miles eques perteneciente al ala primera Augusta", *Emerita* 88 (2) 2020: 325-337; Gutiérrez Alonso, Aroa, Redentor, Armando, Farjas Abadía, Mercedes, González Herrero, Marta y Encarnação, José d', "Ingeniería y epigrafía caminan de la mano: aplicaciones de análisis digital en epígrafes latinos de difícil lectura" (*FE* 510, *IRCP* 339 y *CPILC* 221)", en Lennartz, Klaus (ed.), *Engaños e invenciones. Contribuciones multidisciplinares sobre pseudoepígrafos literarios y documentales*, Madrid, Ediciones Clásicas (*De falsa et vera historia* 4), 2021: 107–122.



• D I M •
P A T E R N
A E P . Q . S T A
M E M O R I A
A N N O R U M L V

Fig. 6: La estela de Capela (A. Redentor).

Fig. 7: Dibujo de la inscripción (A. Redentor).

LECTURA DE PARTIDA

D(iis) I(nferis) M(anibus) / Patern/ae po(suit) · sta(tuam) /5 memoria(m) / an(norum) LX r(equiescit) h(ic)

Realizada mediante la aplicación del proceso del Modelo Morfológico Residual (MRM) a un modelo tridimensional obtenido mediante fotogrametría digital. A partir de él, se determinan las diferencias morfológicas existentes con las formas predominantes calculadas que constituyen el llamado residuo morfológico, cuyos valores se traducen en un mapa hipsométrico de alturas relativas con posibilidad de representación cromática, Santos, M^a João C. y Pires, Hugo, "A estela funerária de Capela, Penafiel (conventus bracaraugustanus)", *FE* 2014, 510.

LECTURA OBTENIDA

D(iis) I(nferis) M(anibus) / Patern/ae P(---) · Q(---) · sta(tuit)/ memoria(m) /5 annorum LV

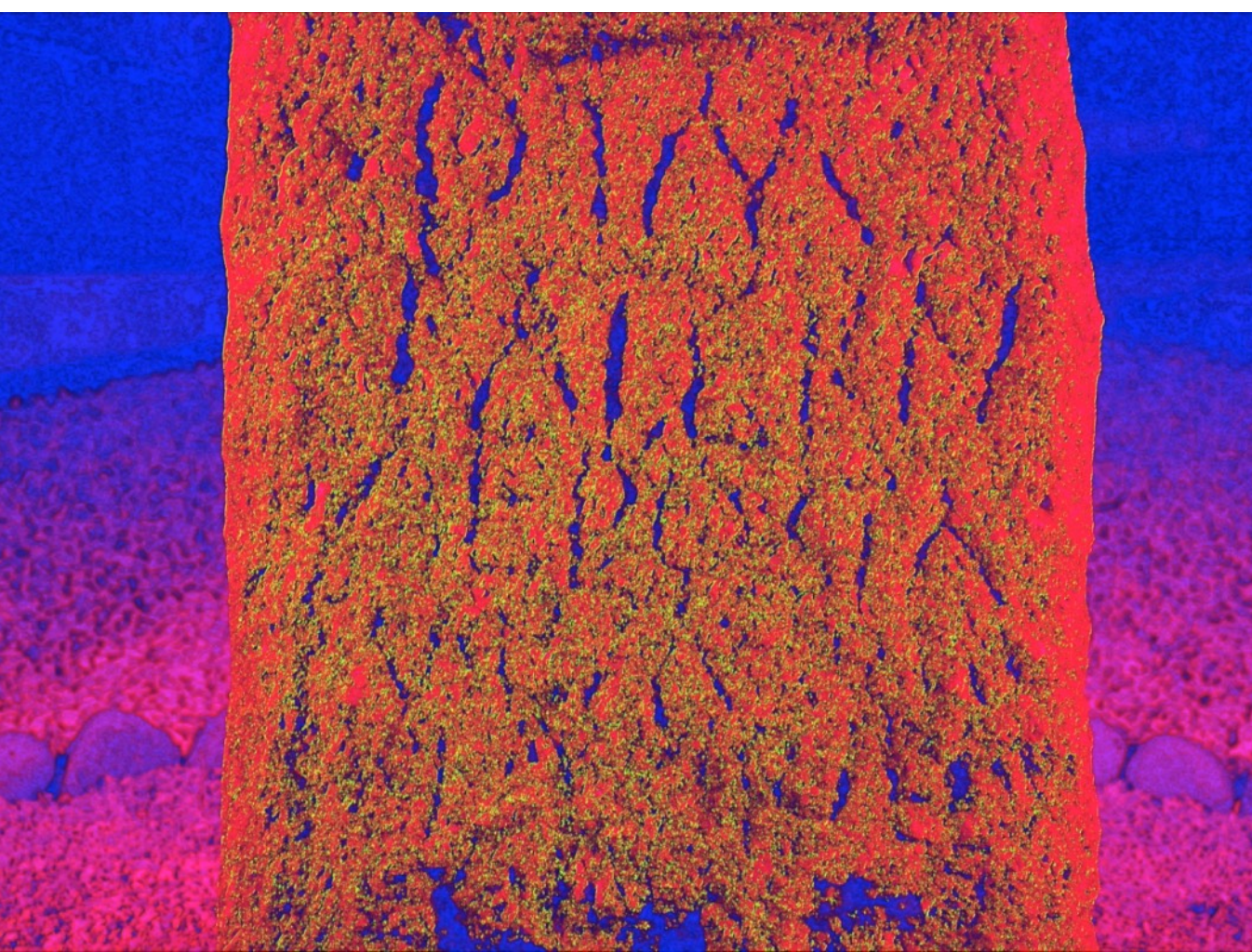
Tratamiento realizado

Fig. 8 (página ao lado, em cima, à esquerda): Aplicación Dstrech (A. Gutiérrez).

Fig. 9 (página ao lado, em cima, à direita): Filtro de texturas. Composición en falso color (A. Gutiérrez).

Fig. 10 (página ao lado, em baixo, à esquerda): Filtro de texturas. Composición en falso color (A. Gutiérrez).

Fig. 11 (página ao lado, em cima, à direita): Índice Band Math + filtro de texturas. Combinación en falso color (A. Gutiérrez).





Valete vos viatores! **La aventura de la Epigrafía Romana**

Javier Andreu Pintado | Universidad de Navarra

Los textos escritos sobre soporte duro, las inscripciones, los *tituli* – como los romanos los llamaban – inundaban muchos aspectos de la vida cotidiana en Roma.¹ A juzgar por las cartas de amor y añoranza de parejas – que han dejado evidencia en las llamadas *tabulae ceratae* – pasando por las marcas de propiedad o de fabricación sobre cerámica – grafitos y *sigilla* – o por las proclamas electorales de los candidatos a magistrados – los *candidatorum programmata* – que, como sabemos por el caso pompeyano, llenaban las calles de cualquier municipio o colonia en vista de sus elecciones anuales y, por supuesto, por los epitafios, los monumentos honoríficos o los votivos, los romanos fueron quienes llevaron la utilización del medio escrito – ya empleado por los griegos y por las antiguas civilizaciones del Próximo Oriente Antiguo – a su máximo esplendor.² No en vano, Roma es tenida como la más epigráfica de las civilizaciones de la Antigüedad.³

* El presente trabajo se inserta en las actividades del proyecto de la Unión Europea 101008574 "Valete vos viatores!: travelling through Latin inscriptions across the Roman Empire" coordinado desde la Universidad de Navarra y financiado con fondos europeos en la convocatoria de Europa Creativa/"Tender puentes entre contenidos culturales y audiovisuales a través de la tecnología digital".

¹ Un buen panorama, con bibliografía, y desde una perspectiva hispana, en ANDREU (Javier), *Scripta manent, loquuntur saxa: epigrafía latina e Hispania Romana*, en ANDREU (Javier), CABRERO (Javier) y RODÀ (Isabel), *Hispaniae: las provincias hispanas en el mundo romano*, Tarragona, 2009, pp. 139-158.

² Puede verse, por ejemplo, ALVAR (Antonio), *Siste viator: la epigrafía en la antigua Roma*, Alcalá de Henares, 2019.

³ Véase, BRUUN (Christian) y EDMONSON (Jonathan), *The Oxford Handbook of Roman Epigraphy*, Oxford, 2014 y COOLEY (Alison E.), *The Cambridge manual of Latin Epigraphy*, Cambridge, 2012. En portugués, y con esa reflexión como eje central, es inexcusable ENCARNACÃO (José d'), *Epigrafia. As pedras que falam*, Coimbra, 2006.

Como se ha puesto de manifiesto constantemente,⁴ esas inscripciones, cuando han llegado a nosotros, nos han aportado notabilísima información histórica no en vano, la investigación en Epigrafía – y, con ella, el escrutinio y la recopilación de los nuevos hallazgos en los monumentales corpora representados en el, todavía vivo, proyecto del *Corpus Inscriptionum Latinarum*⁵ – comenzó muy de la mano de la institucionalización de los estudios sobre Antigüedad en general y Antigüedad Romana en particular en los tiempos del positivismo y el historicismo alemanes. En ese arranque de la investigación epigráfica a mediados del siglo XIX, la observación directa de las inscripciones, la autopsia epigráfica, se convirtió en el medio fundamental de trabajo del epigrafista, generalmente especializado en Filología Latina, en Arqueología o en Historia Antigua, disciplinas con las que la Epigrafía, la ciencia de las inscripciones, mantiene una muy especial relación. En cualquier caso, fue ese un periodo en el que, fundamentalmente – acaso por los lazos existentes entre la Filología Clásica y la Epigrafía – interesó el texto en sí mismo más que el soporte que lo transmitía o el contexto en que aquél interactuó con otros elementos de profunda carga semiótica propios del urbanismo romano⁶ sin los cuales es difícil entender un fenómeno, como el de las inscripciones, esencialmente urbano.

⁴ Puede verse ABASCAL (Juan Manuel), Epigrafía Latina e Historia Antigua, *Antigüedad y Cristianismo*, 12, 1995, pp. 437-447 y el clásico trabajo de MILLAR (Fergus), Epigrafía, en CRAWFORD (Michael), *Fuentes para el estudio de la Historia Antigua*, Madrid, 1986, pp. 93-148.

⁵ Hace sólo unos meses ha visto la luz un nuevo volumen de las revisiones de esta magna obra, se trata de ABASCAL (Juan Manuel) y ALFÖLDY (Géza), *Corpus Inscriptionum Latinarum. II. Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Editio altera. Paris XIII: conuentus Carthaginiensis, Berlin, 2020. Para seguir la actualidad de este proyecto, todavía vivo, puede verse: <https://cil.bbaw.de/>.

⁶ Para esa historia, sucinta, de la investigación epigráfica, puede servir ENCARNACÃO (José d'), Caminhos da ciencia epigráfica, en SARTORI (Antonio), MASTINO (Atilio) y BUONOCORE (Marco), *Studi per Ida Calabi Limentani. Dieci anni dopo "Scienza epigráfica"*, Faenza, 2021, pp. 127-137 y ANDREU (Javier), La investigación sobre fuentes epigráficas. Las inscripciones y su contribución a la Historia de la Antigüedad: la Epigrafía Latina, en PERÉX (María Jesús), *Métodos y técnicas de investigación histórica I*, Madrid, 2012, pp. 579-626. Esa evolución puede verse, también en las entradas con la etiqueta "Epigraphica" del blog de quien escribe estas líneas: <http://oppidaimperiromani.blogspot.com/>

En los años ochenta del pasado siglo, sin embargo, el auge de la fotografía⁷ unido a la continuada publicación de repertorios epigráficos de carácter local o regional – que, de hecho, en tierras portuguesas tuvieron un hito esencial en las *Inscrições Romanas do conventus Pacensis* que José d'Encarnação publicó en 1984⁸ – hicieron que el soporte epigráfico cobrase una especial importancia y que, de ese modo, la Epigrafía Romana estrechase sus lazos de colaboración con la Arqueología. De esa relación nacerían, entonces y en los primeros años noventa, conceptos como el del “hábito epigráfico” – que define la gran moda difundida por Roma de emplear el medio escrito como soporte fundamental de la comunicación⁹ – o el del “paisaje epigráfico” alusivo éste último a la singular cultura epigráfica conformada, en un singular proceso de oferta y de demanda, por los rasgos con que la costumbre de grabar inscripciones fue tomando forma en unos u otros centros urbanos de Occidente un espacio que, para la época del emperador Claudio, como cuenta Suetonio, estaba ya superpoblado de inscripciones latinas evidenciando una globalización prácticamente sin precedentes, y única, en la Antigüedad Clásica.¹⁰

⁷ Así, por ejemplo, en el manual italiano de DI STEFANO MANZELLA (Ivan), *Mestiere di epigrafista: guida alla schedatura del materiale epigrafico lapideo*, Roma, 1987.

⁸ ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições romanas do conventus Pacensis: subsídios para o estudo da romanização*, Coimbra, 1984.

⁹ MAC MULLEN (Ramsay), The Epigraphic Habit in the Roman Empire, *The American Journal of Philology*, 103-3, 1982, pp. 233-246. Para el paisaje epigráfico puede verse, con bibliografía, un clásico trabajo de MAYER (Marc), El paisaje epigráfico como elemento diferenciador entre las ciudades: modelos y realizaciones ocales, en GONZÁLEZ (Julián), *Ciudades privilegiadas en el Occidente Romano*, Sevilla, 1999, pp- 13-30.

¹⁰ *Suet. Claud.* 41, 3. A propósito puede verse el análisis de WOOLF (Greg), Monumental writing and the expansion of Roman society in the early Empire, *Journal of Roman Studies*, 86, 1996, pp. 22-38.

Permeable a cualquier cambio metodológico en las Ciencias de la Antigüedad y, por tanto, también a los cambios sociales, la Epigrafía Romana conoció en los años noventa del siglo XX la fiebre de lo digital. Los viejos *corpora* epigráficos en papel – que, sin embargo, seguimos consultando y de los que dependemos continuamente – empezaron a ser volcados en bases de datos y motores de búsqueda en internet que permitían – y siguen permitiendo¹¹ – un rápido escrutinio de la documentación disponible sobre cualquier cuestión llegando, también, a servir a la actualización más rápida de la edición de los textos e, incluso, a su mejor y más rápida corrección. Esa Epigrafía Digital¹² ha dado paso, muy recientemente, y en paralelo a lo que ha sucedido, por ejemplo, en la Arqueología Clásica para la mejor documentación de la cultura material del mundo romano, a la Epigrafía Virtual. Ésta, amparada en las potencialidades de la fotogrametría y del láser escáner, ha permitido a los investigadores, pero también al público en general, trabajar con las inscripciones a través de modelos 3D interactivos que están empezando, también, a permitir una mejor lectura de aquellas inscripciones que encontramos dañadas por la implacable acción del paso del tiempo.¹³ En este sentido, la proliferación de Museos Virtuales de contenido epigráfico –sea éste monográfico o no – ha popularizado, especialmente en el portal digital Sketchfab, la presencia de inscripciones romanas en la red de redes.¹⁴

¹¹ Los más consultados siguen siendo la base de datos de Clauss Slaby (<http://manfredclaus.de/>), las gestionadas por la Universität Heidelberg (<https://www.uni-heidelberg.de/institute/sonst/adw/edh/indexe.html>) y por la Università di Roma La Sapienza (<http://www.edr-edr.it/default/index.php>) y, por supuesto, Hispania Epigraphica Online (<http://eda-bea.es/>).

¹² ROSSI (Irene) y DE SANTIS (Annamaria), *Crossing experiences in digital epigraphy, from practice to discipline*, Berlín, 2018.

¹³ Dos protocolos válidos sobre el recurso al 3D para la lectura de inscripciones dañadas pueden verse en ENCARNACÃO (José d'), FARJAS (Mercedes), GONZÁLEZ HERRERO (Marta) y GUTIÉRREZ (Aroa), Digitalização de documentos epigráficos: em busca de um deus e de uma oferenda (IRCP 339), *Antrope*, 9, 2018, pp. 20-34 y en ANDREU (Javier) y SERRANO (Pablo), Contributions of digital photogrammetry and 3D modelling of Roman inscriptions to the Reading of damaged *tituli*: an example from the Hispania Tarraconensis (Castiliscar, Saragoza), *Digital Applications in Archaeology and Cultural Heritage*, 91, 2019, pp. 1-7.

¹⁴ Esa transformación ha sido, recientemente, descrita en ANDREU (Javier) y SERRANO (Pablo), Epigrafía 3D: posibilidades de la digitalización de inscripciones romanas en el marco de la Epigrafía digital, en REVILLA (Victor) et alii, *Ex Baetica Romam. Homenaje a José Remesal Rodríguez*, Barcelona, 2020, pp. 975-1011 donde, además, aportamos bibliografía sobre la cuestión. El trabajo ofrece una lista de algunos de los Museos Virtuales de contenido epigráfico disponibles en la red. Son pioneros, en este sentido, los proyectos Epigraphia3D (<http://www.epigraphia3d.es/>) que ofrece acceso a repositorios digitales de algunas inscripciones del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida y del Museo Arqueológico Nacional de Madrid y los Museos Virtuales de Santa Criz de Eslava (<https://sketchfab.com/santacruzmv>) y de Los Bañales de Uncastillo (<https://sketchfab.com/banalesmuseovirtual>).

Pese a que este breve y condensado relato de la historia de una apasionante disciplina resulta indiscutiblemente atractivo, lo cierto es que el maltrato al que se somete al Latín en los actuales planes de estudio preuniversitarios e, incluso, universitarios y la transformación de la Universidad en una agencia de formación tal vez demasiado alineada con las necesidades del mercado de trabajo han hecho que la Epigrafía Romana se encuentre en una raquítica situación en las aulas de tantos centros de investigación y enseñanza superior de toda Europa¹⁵ y que, como dato indicativo, cada vez, pese al esfuerzo promocional que sobre la disciplina y sus retos hace la Asociación Internacional de Epigrafía Griega y Latina/AIEGL,¹⁶ sean menos los trabajos de investigación doctoral, por ejemplo, que ponen las inscripciones romanas en su centro.

¹⁵ Un buen diagnóstico en RAMÍREZ (Manuel), Las ciencias y técnicas historiográficas en el contexto de las humanidades digitales: oportunidades para su desarrollo, en MARCHANT (Alicia) y BARCO (Lorena), *Dicebamus hesterna die...: estudios en homenaje a los profesores Pedro J. Arroyal Espigares y M^a Teresa Martín Palma*, Madrid, 2016, pp. 365-392.

¹⁶ Sobre ésta, véase: <https://www.aiegl.org/news-18.html>

Conscientes de esta situación, en mayo de 2020, un equipo de epigrafistas de las Universidades de Navarra (España), Coimbra (Portugal), Burdeos (Francia) y Roma (Italia) elaboramos un proyecto de trabajo que presentamos para financiación en concurrencia competitiva a Europa Creativa, una convocatoria de ayudas de la Unión Europea que busca fomentar la relación entre el patrimonio y la sociedad a través del empleo de las herramientas digitales como medio con el que garantizar la adecuada transferencia de resultados investigadores y su presentación a la sociedad en soportes que resulten atractivos e innovadores. Así nació el proyecto “*Valete vos viatores!:* travelling through Latin inscriptions across the Roman Empire” que lleva ya casi un año de andadura y que se clausurará en apenas seis meses, en junio de 2022. El proyecto, coordinado desde la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Navarra, tiene una idea muy clara: facilitar herramientas que hagan posible un viaje por parte del gran público – con atención especial al público juvenil – desde Roma hasta el *finis terrae* de Occidente en la Antigüedad, la provincia Lusitania, descubriendo los singulares tonos con que “hablan” las piedras si el epigrafista sabe escucharlas hablar a

partir de las que son sus herramientas fundamentales de trabajo: la autopsia y la edición epigráfica poniendo de relieve en ese viaje los peculiares rasgos de la cultura epigráfica de diferentes regiones de la vieja Europa Latina y el patrón general que Roma, por contraste, dio al hábito de grabar inscripciones en todo Occidente. Para acotar ese viaje y hacerlo, además, atractivo, las universidades participantes – Universidad de Navarra, Universidade de Coimbra, Université de Bordeaux y Università di Roma La Sapienza – eligieron como socios a museos y colecciones epigráficas atractivas y que, en los últimos años, además, han estado en continuo incremento, capaces, por tanto, de retratar la viveza y constante novedad de la investigación epigráfica: las colecciones y repertorios de las ciudades romanas de Los Bañales de Uncastillo y de Santa Criz de Eslava en España, la de la ciuitas Igaeditanorum, en Idanha-a-Velha, en la región centro de Portugal, las que conforman el sensacional repertorio del Musée d'Aquitaine, en Burdeos, y el incomparable lapidario del Museo Nazionale Romano en su sede de Palazzo Massimo alle Terme, en Roma, acaso el mayor repertorio epigráfico musealizado del mundo.

Las inscripciones de dichos espacios son las verdaderas protagonistas del proyecto “*Valete vos viatores!*” que toma nombre de la habitual interlocución existente, en algunas inscripciones sepulcrales romanas, entre el monumento, el propio epitafio, y el viandante que lo contemplaba a pie de vía sepulcral pues también el proyecto quiere que las inscripciones interpelen a quien se acerque a los productos que éste quiere generar. De este modo, una generosa selección de inscripciones de los citados repertorios epigráficos, se ofrece ya accesible en un Museo Virtual llamado a ser el más completo de Europa hasta la fecha, con hasta casi dos centenares de inscripciones digitalizadas y debidamente anotadas para su comprensión por el curioso o el estudioso.¹⁷ Estas inscripciones, además, son el eje vertebrador de una serie audiovisual en cuatro capítulos, uno por cada uno de los países socios del proyecto, en que Ane Urrizburu una joven estudiante de Historia y del Diploma de Arqueología en la Universidad de Navarra descubre el atractivo de la ciencia epigráfica e inicia, para descubrir el sentido de las inscripciones antiguas, un viaje que le lleva por Portugal, Francia e Italia, con Roma con gran centro de la cultura epigráfica, viaje en el que tiene la oportunidad de visitar las ya citadas colecciones epigráficas y, también, charlar con expertos en Epigrafía Romana tanto en la dimensión más histórica e investigadora de esta disciplina como en la de quienes se dedican a hacerla atractiva y sugerente para las generaciones jóvenes diseñando estrategias para su adecuada presencia en redes sociales o para el aprovechamiento pedagógico de su contenido.¹⁸ Por último, y acaso como resultado estrella de este

proyecto, se está trabajando también en la configuración de un videojuego educativo (Fig. 1) que, con el viaje como pretexto, permita al jugador – convertido en un scriptor artesano de inscripciones – interactuar con inscripciones romanas – en parte las mismas que protagonizan parte de los repositorios virtuales y de los documentales de la serie audiovisual –, saber cómo éstas se fabricaban, de qué modo las modas y peculiaridades culturales de cada región influían en su aspecto final y qué función desempeñaban aquéllas como medios de comunicación, en las sociedades antiguas en general y en la romana en particular. Para esa labor más audiovisual del proyecto, se ha contado, como socios, con la productora audiovisual Clau Creative Services y con el equipo de Trahelium que conjuga a dos de los grandes expertos en fotogrametría y diseño 3D que ahora mismo hay en España: Pablo Serrano e Iker Ibero ambos habituados, además, a trabajar en la recreación virtual del patrimonio y que están siendo capaces de establecer un puente entre la fotogrametría digital y la recreación texturizada de los escenarios en que figuraron las inscripciones romanas.¹⁹

¹⁷ El citado repertorio está ya accesible en Sketchfab: <https://sketchfab.com/valeteviatores>

¹⁸ Algunos avances de la serie audiovisual se pueden ver en varios teasers difundidos ya en redes: <https://youtu.be/a9yMGWIX7Cc>, <https://youtu.be/-Qbv1ulzt34> y <https://youtu.be/N8Yy5KcEsfM> además de <https://youtu.be/5ptwKaOs6Bk> (presentación general de la idea del proyecto).

¹⁹ Una buena muestra puede verse en este vídeo: <https://youtu.be/g4NQvhoLiQw>.

The background of the menu is a detailed 3D-rendered medieval courtyard. It features stone buildings with arched windows and doorways, wooden benches, a large wooden barrel, and various medieval-style objects like a woven basket and wooden planks. A large circular menu overlay is centered on the screen, containing a map of Europe and the game's title.

VALETE VIATORIS

PLAY GAME

OPTIONS

CREDITS

EXIT

MAIN MENU

La participación de Portugal, y de la Universidad de Coimbra, en este proyecto, no es, en absoluto, casual. Desde la óptica hispana, el Instituto de Arqueología de la Universidad de Coimbra ha sido un centro de investigación pionero en la investigación epigráfica desde que se incorporase a él como docente José d'Encarnação. La edición, desde 1982 de la revista *Ficheiro Epigráfico*, la escuela de epigrafistas formada en dicha institución – de la que, acaso, Vasco Mantas y Armando Redentor, protagonistas de parte del audiovisual, sean dos de los más preclaros exponentes (Fig. 2) – y, por supuesto, la contribución de dicha Universidad a proyectos de alto contenido epigráfico como, por ejemplo, el actualmente en curso en Idanha-a-Velha (Fig. 3) hacen de Coimbra todo un referente desde el que pulsar la evolución de la ciencia de las inscripciones en el último siglo. De igual modo, el extraordinario repertorio epigráfico de la *ciuitas Igaeditanorum* – objeto de preocupación de la ciencia portuguesa desde los tiempos de Fernando de Almeida y repartido no sólo en la propia aldea de Idanha sino, también, en los Museos locales de Castelo Branco o de Fundão (Fig. 4) – resulta extraordinariamente paradigmático por cuanto que pone de manifiesto de qué modo una pequeña ciudad del interior, muy bien conectada, eso sí, con la capital provincial, *Augusta Emerita*, pero estipendiaria hasta su promoción municipal en época flavia, asumió el hábito epigráfico con un fervor inusitado y, en parte, difícil de explicar y del que son prueba las cerca de 300 inscripciones atestiguadas en el lugar.²⁰ Seguro que los trabajos arqueológicos que el equipo de Pedro Carvalho viene desarrollando en el lugar en los últimos

meses podrán, en años venideros, aportar nuevas luces para explicar tan singular y característico fenómeno que deja claro de qué modo, en las estrategias de auto-romanización, fueron las elites locales – como demuestra el paradigmático caso egitano de *C. Cantius Modestinus*²¹ – las primeras en abrazar un nuevo modo de ser romano que pasaba por escribir mensajes para la eternidad, en piedra. Es por ello que, por ejemplo, en el capítulo relativo a Lusitania del audiovisual de la serie que generará el proyecto de Europa Creativa que da título a estas páginas, figurarán una serie de entrevistas a, precisamente, estos epigrafistas portugueses que han contribuido, con su investigación sobre inscripciones antiguas – y, en particular, romanas –, a hacer grande la ciencia que se hace en Portugal y que, además, han sido pioneros en algunas de las cuestiones que, después, más han preocupado a los historiadores de la Antigüedad. En el proyecto “*Valete vos viatores!*”, por tanto, y como no puede ser de otro modo, Portugal en general y Coimbra en particular, tendrán el lugar de destaque que merecen y del que se han hecho acreedores en décadas de intensa y sobresaliente tradición de investigación epigráfica. Contribuirán, de ese modo, a hacer posible ese “viaje” que pretende incentivar la pasión por las inscripciones y fomentar las vocaciones científicas a la ciencia que las estudia, interpreta y data,²² la Epigrafía.

²⁰ MARQUES DE SÁ (Ana), *Civitas Igaeditanorum: os deuses e os homens*, Idanha-a-Nova, 2007.

²¹ Sobre él debe verse MANTAS (Vasco), *Evergetismo e culto oficial: o construtor de templos C. Cantius Modestinus*, en *Religio Deorum: actas del Coloquio Internacional de Epigrafía 'Cultura y sociedad en Occidente'*, Barcelona, 1993, pp. 227-250.



Fig. 2 - Varias secuencias de las entrevistas del programa relativo a las inscripciones romanas de Lusitania grabado en Coimbra en junio de 2021. En ellas se dialogó con el Prof. Armando Redentor (1), con el Prof. José d'Encarnação (2) y con el Prof. Vasco Mantas (3).



Fig. 3 - Instantáneas del trabajo de toma de datos en Idanha a Velha coordinado por los Profs. Armando Redentor y Pedro Carvalho, con Pablo Serrano e Iker Ibero (1) y con Javier Andreu (2) y en el que participaron, también, en un workshop sobre autopsia epigráfica tradicional estudiantes de la Faculdade de Letras de la Universidade de Coimbra (3).



Fig. 4 - Labores de fotogrametría en las inscripciones de Idanha-a-Velha (1), el Museo de Castelo Branco (2) y el Museo de Fundão (3).



FICHEIRO EPIGRÁFICO

El Ficheiro Epigrafico de Coimbra y las inscripciones de Hispania

Juan Manuel Abascal | Universidad de Alicante

Hace casi 20 años, en 1982, quienes nos dedicamos a los estudios epigráficos nos vimos sorprendidos por la aparición de una publicación periódica – *Ficheiro Epigráfico* – definida entonces y ahora como “suplemento” a la revista *Conimbriga*, cuyo primer fascículo ya incluía nuevos textos de Mértola, Abrantes y dos epígrafes de la provincia de Córdoba. Ignoro si esa relación de localidades fue una manera de decir que las inscripciones de toda la península Ibérica tendrían sitio en el *Ficheiro* o si fue una casualidad editorial.

En todo caso, el *Ficheiro* consiguió desde el primer momento convertirse en una herramienta perfecta para los estudios de inscripciones de Hispania. Su eficacia, entonces y ahora, siempre estuvo en relación con la inmediatez, con la rapidez de publicación, con la posibilidad de divulgar los nuevos hallazgos epigráficos en un corto espacio de tiempo y con gran calidad. En aquellas lejanas fechas de 1982 las revistas de Universidades y centros de investigación no tenían aún las largas listas de espera para publicar a las que se ha llegado en nuestros días, cuando los trabajos – salvo en unas pocas revistas – duermen durante casi dos años hasta perder una parte de su interés. Pero el problema ya empezaba a estar sobre la mesa y el *Ficheiro* era otra cosa, pues tenía la frescura de una publicación rápida, sin tantas ataduras como las de una revista periódica convencional, y permitía saltar al papel impreso desde el almacén de un Museo o desde un hallazgo arqueológico en un espacio de tiempo fugaz, mínimo, que garantizaba la divulgación de las novedades epigráficas de forma inmediata.

Pero además de la inmediatez como insignia y bandera, el formato elegido para la publicación respondía a las necesidades reales de los estudios epigráficos. Era una obra colectiva que se iría construyendo por acumulación, por adición, con la suma de las contribuciones de todo el colectivo científico. Y el camino de estos cuarenta años ha demostrado que el método elegido era el adecuado: cuando se acaba de publicar el fascículo número 221, la numeración de los trabajos alcanza la cifra de 782 pero detrás de algunos de esos números hay varios epígrafes, por lo que el volumen total de inscripciones es superior. Eso significa que en *Ficheiro Epigráfico* se han dado a conocer algo más de 800 inscripciones. Además, la publicación de los *addenda et corrigenda* periódicos ha permitido una actualización de los textos de manera permanente. El ejemplo más extraordinario de esto es que en el número 220, publicado hace pocos meses, ha aparecido una corrección a la inscripción n.º 1 (!!), después de cuarenta años de su publicación. Esa increíble eficacia es la “marca de fábrica” del trabajo en el *Ficheiro*.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

1

INSCRIÇÕES 1-4



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1982

Pero el *Ficheiro Epigráfico* también debe ser contemplado en perspectiva peninsular e internacional. Hasta 1982, el conocimiento de las nuevas inscripciones – las de España por parte de los colegas portugueses y de Portugal por parte de los colegas españoles – planteaba muchísimas dificultades. Por aquel entonces, la edición de las novedades en revistas de circulación local de los dos países agravaba un problema que se venía arrastrando desde comienzos del siglo XX, de manera que el acceso a los nuevos textos debía esperar a la publicación de *Hispania Antigua Epigráfica* (HAE), el importante pero efímero proyecto del profesor Antonio Beltrán, o a la distribución del volumen correspondiente de *L'Année Épigraphique*, que por razones obvias siempre difería y difiere en unos pocos años del momento de edición de las nuevas inscripciones. Ni en España teníamos acceso a las revistas portuguesas de carácter local en que se publicaban las novedades, ni muchas de las inscripciones aparecidas en *Hispania* llegaban en tiempo real a los colegas portugueses. Esta situación cambió con la aparición de *Ficheiro Epigráfico* en donde, por una parte, se fueron dando a conocer una gran parte de los nuevos epígrafes y, por otra, se citaban o referenciaban otros muchos textos de los que tuvimos conocimiento desde esas páginas. En este sentido, hay que decir que el *Ficheiro* contribuyó de manera notable a mejorar nuestra cultura epigráfica, facilitando nuestro acceso en tiempo real a un caudal de inscripciones que, de otra manera, habrían tardado años en incorporarse a la bibliografía científica. Pero también, en el orden internacional, la tradicional colaboración

franco-portuguesa permitió que los textos publicados en el *Ficheiro* entraran de manera ordinaria en *L'Année Épigraphique*, con lo que esta revista se benefició de muchas noticias sobre la epigrafía de Portugal y el propio *Ficheiro* alcanzó una divulgación internacional inmediata.

Con el crecimiento del *Ficheiro Epigráfico* también hemos visto nacer y crecer la cultura informática en nuestros ambientes profesionales. En los anaqueles de nuestras bibliotecas se encuentran todavía aquellos primeros ejemplares impresos con los que *Ficheiro Epigráfico* vino al mundo, en pliegos doblados pero con los bordes sin guillotinar, preparados para que cada lector los fuera encuadernando a su antojo, en volúmenes más o menos gruesos, de 10 en 10, de 20 en 20, etc. Luego llegaron los ordenadores personales y con ellos un maravilloso CD en el que estaban las versiones digitales de lo editado hasta entonces y, más tarde, la página web en la que se encuentran todos los números del *Ficheiro* hasta nuestros días, de manera que desde cualquier lugar podemos acceder a toda esa información con la máxima facilidad (https://www.uc.pt/fluc/iarg/documentos_index/ficheiro). El desarrollo del *Ficheiro* se ha producido en paralelo con la de los neologismos de la cultura informática, tales como “PDF”, “JPG”, “WEB”, términos que hace 40 años no nos decían nada y que hoy nos permiten movernos con comodidad en el mundo de las inscripciones romanas.

De lo dicho se desprende que el *Ficheiro Epigráfico* ha sabido crecer y desarrollarse en plena armonía con un mundo profesional en el que se iban produciendo cambios y se ha adaptado con absoluta eficacia a todas esas transformaciones. Cada vez que con el mouse/ratón de nuestro ordenador hacemos un “clic” sobre la pestaña “ver/abrir” de un fascículo de *Ficheiro Epigráfico* estamos accediendo a un mundo científico que la generosidad de unos pocos ha puesto al alcance de todos. Y con ello quiero llegar al centro de la cuestión. El *Ficheiro Epigráfico* es un ser vivo y, como todos los seres vivos, tiene paternidad biológica. En este caso, sin menoscabo de la labor de quienes se ocupan de la parte informática del proceso y de la composición material de los

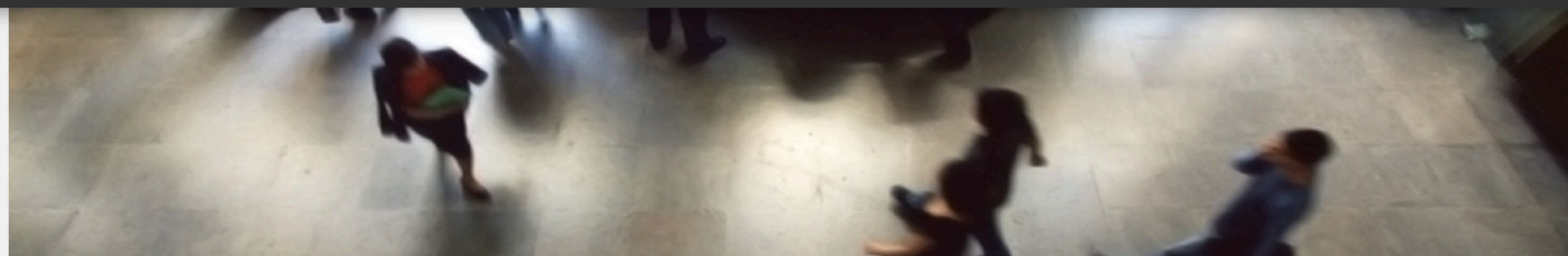
fascículos, el *Ficheiro* ha llegado a ser lo que es gracias a la labor del profesor José d’Encarnação, a quien tanto debemos quienes nos ocupamos de la epigrafía de Hispania. Su constancia, su fe en la tarea que se emprendió en 1982, han permitido llevar a buen puerto esta empresa editorial que se ha convertido ya en una obra clásica en la bibliografía epigráfica. Y la prueba del prestigio alcanzado está en la inmensa relación de autores que han empleado – y hemos empleado – las páginas de *Ficheiro Epigráfico* para dar a conocer nuevos epígrafes. Ninguna otra publicación española puede discutirle ese mérito.

Hoy en día, *Ficheiro Epigráfico* aparece en todas las relaciones de cualquier trabajo sobre inscripciones, y sus numerosos textos pueblan las entradas individuales de *Hispania Epigraphica* (Universidad Complutense de Madrid) o de *L'Année Épigraphique* (CNRS, Paris). Pocas regiones de España y Portugal, si es que queda alguna, han quedado fuera de esas páginas que con rigurosa periodicidad nos muestran tanto hallazgos epigráficos recientes como piezas que habían quedado fuera de catálogos anteriores. Y en su edición, afortunadamente, se siguen empleando algunos criterios saludables científicos que los nuevos tiempos profesionales han hecho perecer en otras publicaciones. Y me refiero en concreto a las notas de pie de página, esa parte

de los trabajos profesionales en donde no sólo aparece la bibliografía sino donde se destilan algunas de las reflexiones más importantes del trabajo profesional. Esas notas, que en muchas revistas llamadas profesionales están siendo abolidas, son en *Ficheiro Epigráfico* una parte fundamental de la edición, máxime cuando la revista no limita ni obliga a los autores a utilizar un determinado método de cita. En este sentido, *Ficheiro Epigráfico* puede vanagloriarse de ser el marco editorial en el que más cómodos nos sentimos los autores, allá donde sabemos que podemos publicar con la más absoluta libertad a la hora de redactar y de citar.

Aún quisiera añadir algo respecto al material epigráfico aparecido en la revista. Desde los primeros fascículos, pudimos observar una afortunada tendencia a emplear los números de *Ficheiro Epigráfico* para la publicación de inscripciones que no encajaban en la categoría de lo que podríamos llamar una inscripción “normal”. Y eso significa que en sus páginas muy pronto empezaron a encontrarse testimonios epigráficos de divinidades paleohispánicas o epígrafes funerarios con una onomástica muy interesante desde el punto de vista de los estudios peninsulares. Es cierto que eso respondía en parte al área de hallazgo de las inscripciones pero la realidad es que *Ficheiro* se convirtió en un órgano de expresión irremplazable para hacer el seguimiento de las novedades en estos campos de investigación. Y lo sigue siendo.

Después de casi cuarenta años de vida, la publicación de estos fantásticos fascículos ha pasado a ocupar un espacio propio en los estudios epigráficos e históricos y sigue protagonizando con sus páginas una parte sustancial del avance de la disciplina. ¡Enhorabuena a sus creadores y gracias en nombre de autores y lectores por este instrumento imprescindible!



Ficheiro Epigráfico

Suplemento da revista [Conimbriga](#)

- **FICHEIRO EPIGRÁFICO 221 - 2021** [[ver/abrir](#)]

782 - *Dos nuevos miliarios de Pontevedra (Conventus Lucensis, Hispania Citerior)*

Xurxo Constela Doce, Juan Manuel Abascal Palazón

- **FICHEIRO EPIGRÁFICO 220 - 2021** [[ver/abrir](#)]

Addenda et corrigenda | Índice dos fascículos 210 a 219

- **FICHEIRO EPIGRÁFICO 219 - 2021** [[ver/abrir](#)]

779 - *Un grafito sobre terra sigillata procedente de la villa de Clavellinas, Torremejías, Badajoz*

Marcarena Bustamente-Álvarez, Emilio Gamo Pazos



Para uma Epigrafia do Quotidiano

José D'Encarnação | CEAACP | Universidade de Coimbra

Detém inteira razão o Doutor Jorge Alarcão: o facto de ter promovido a Epigrafia a cadeira anual e haver, assim, proporcionado ao docente a possibilidade de, sem pressas, fornecer aos estudantes os rudimentos básicos e, sobretudo, adestrá-los na prática contribuiu eficazmente para o lugar que a disciplina passou a ter no currículo de Arqueologia.

Estava-se, na verdade, perante uma atitude revolucionária a nível curricular, na medida em que, até aí, a Epigrafia andava reduzida a um semestre lectivo, que, como se sabe, acaba por não ser muito mais do que três meses... Difícil se tornava, pois, interessar os alunos, tanto mais que, integrada no Curso de Arqueologia, tratava de inscrições em Latim e essa língua já não figurava nos programas do Ensino Secundário. Havia que explicar os seus rudimentos também.

Creio, todavia, que a pesquisa «em que caso está a palavra?» acabou por funcionar em jeito de estimulante quebra-cabeças a resolver.

Se a Arqueologia já, de per si, se encontra envolvida num halo de mistério a desvendar, à moda do Indiana Jones, a Epigrafia quase funcionava como partida de xadrez com toda a sua envolvência quase detectivesca: «O que é que estes nos quiseram transmitir?».

Por conseguinte, com tempo para, na sala de aula, deixar o estudante descobrir por si e ter, desta forma, a alegria da descoberta dum enigma, nem se tornou difícil suscitar entusiasmo. O não haver pressa em cumprir um programa. O deixar espaço para a iniciativa individual.

Outro factor não foi de somenos – e o Doutor Jorge Alarcão o frisou oportunamente: a disciplina nunca havia sido entregue a alguém que desejasse fazer carreira como epigrafista. Portanto, ao entusiasmo dos estudantes se ajuntou o entusiasmo do docente.

Por conseguinte, o lugar secundário atribuído até então à disciplina acabara por deixar campo livre para a investigação. Ou seja, para a procura de epígrafes, atitude não especialmente cultivada antes. E surgiu a necessidade de trabalhos práticos, de preferência sobre inscrições inéditas, desconhecidas!

Partiram os estudantes à descoberta. Os resultados não se fizeram esperar, porque, na verdade, inscrições romanas havia-as aqui e acolá, reaproveitadas como peitoril de janela (Fig. 1), como pilar do portão duma propriedade, como pia de água duma capela, a servir de coluna num alpendre rural...



Fig. 1 - Uma estela romana a servir de peitoril!

Boa sementeira depressa se fez e, claro, as novidades não poderiam ficar na gaveta! Como sublinhou o Doutor Jorge Alarcão, a revista *Conimbriga* prontamente aceitou a sua publicação (vejam-se os números de 1976 a 1989). A «enchente», porém, foi de tal ordem e a necessidade de dar prontamente a conhecer o que se encontrara não se compadecia com demoras. Criou-se, por isso, o *Ficheiro Epigráfico*, uma ideia preconizada pela então docente de Epigrafia de Lisboa, Dra. Manuela Alves Dias, aceite sem tergiversar pelo Doutor Alarcão e pelo docente, que – com Manuela Alves Dias – ficou responsável por esse suplemento de *Conimbriga*. Saiu em 1982 o seu primeiro número.

Importa esclarecer que os responsáveis pelo *Ficheiro Epigráfico* sempre têm pugnado (e pugnarão até isso ser possível...) por manter a publicação como suplemento duma revista altamente credenciada e inscrita em todas as plataformas hoje artificialmente exigidas para dar credibilidade ao seu conteúdo. Tal opção permitiu que, neste ano de 2021, já se tenham publicado, até final de Outubro, 210 números de 16 páginas cada, num total superior a 781 inscrições inéditas dadas a conhecer, só do território da Península Ibérica, mormente da sua zona ocidental! Dai, por exemplo, que em 2020 se hajam publicado nada menos do que 11 (onze!) números, quase, portanto, à média de um por mês!

Perguntar-se-á: e não há avaliação prévia? Há. Não em obediência aos cânones artificialmente estipulados, mas através da cuidada leitura do que vai ser publicado, em plena liberdade de opinião, porque, de dez em dez números, há a secção *adenda et corrigenda*, aberta a quantos queiram dar a sua contribuição, fazer a sua crítica ao que foi publicado, manifestar a sua opinião. Uma avaliação *a posteriori*, diferente da «censura prévia». E não nos temos dado mal, atendendo, inclusive, ao

volume de textos que sempre há em carteira, a aguardar a disponibilidade do Dr. José Luís Madeira, que mui diligentemente colabora, uma colaboração deveras imprescindível na edição.

Foram os estudantes incitados a não deixarem que a vida passasse por eles e serem eles próprios a comandá-la. A olharem com olhos de ver para o que os rodeava. Aliás, não tinha que ser essa a missão do arqueólogo: dar a maior atenção ao pormenor, ao que lhe aparece e como no decorrer duma escavação? Que uma telha é uma telha, sim, mas importa verificar como é que ela está quando a descobrimos: se direita, inclinada, partida, com vestígios de combustão...

Assim, um pedaço de mármore aparentemente trabalhado em zona onde o granito predomina deve chamar a atenção. Não tem letreiro à vista? E se o tiver do outro lado? Há que dar-lhe a volta!

Recordo, a este propósito, que foi essa a atitude de Catarina Quinteira, ao dirigir as sondagens arqueológicas prévias a uma obra em Lisboa. Deparou-se-lhe uma «pedra» de apreciáveis dimensões. Lisa (Fig. 2). Causou-lhe espécie. Mandou que lhe dessem a volta. Era o pedestal epigrafado duma estátua ao imperador Augusto, já conhecido desde o século XVI; procurado na 2ª metade do século XIX, não fora identificado. E continuava, afinal, agora enterrado, onde primeiramente fora visto. Não saíra de lá. Agora saiu para o Museu Nacional de Arqueologia, onde se mostra como importante documento da história romana de *Olisipo* (Fig. 3).

¹ QUINTEIRA (Catarina) e ENCARNACÃO (José d'), «CIL II 182, de Olisipo», *Conimbriga* XLVIII 2009 181-187. <http://hdl.handle.net/10316/13088>



Fig. 2 - O pedestal a Augusto no momento da descoberta.

Fig. 3 - A inscrição do pedestal a Augusto.

O veículo assim posto em andamento não dá, felizmente, mostras de querer parar e – voltando de novo ao testemunho do Doutor Jorge Alarcão – desta forma se tem enriquecido substancialmente o corpus epigráfico romano da Lusitânia.

Faltava, porventura, um elo nesta cadeia. A Epigrafia apresentava-se, firme, como ciência imprescindível para os estudos históricos em todas as épocas. A comunidade académica e científica já estava disso bem consciente. E a comunidade em geral?



Fig. 4

Importava, pois, saltar da cátedra para a rua. Perguntar, por exemplo, porque é que esta rua tem este nome e não outro? E quando a baptizaram assim? Porque é que os responsáveis por Angra do Heroísmo, aquando da reconstrução da cidade após o terramoto de 1980, optaram por dar a esta rua o nome de RUA D'AGOA, escrito à antiga, em azulejo apenas enchacotado? (Fig. 4). Porque é que, hoje, até encontramos ruas com dois nomes, o antigo e o actual? Cá está a tal atenção ao quotidiano a que atrás se fazia referência. A necessidade de lutar contra a passividade geral. De resto, o crescente interesse pelo Património Cultural não vai deixar de parte esses letreiros

com que diariamente topamos a cada passada que damos. Nessa luta estamos. Não ficamos indiferentes às frases gravadas nos para-choques dos camionistas brasileiros². Queremos desvendar o significado dos grafitos...

Não é, por consequência, sem uma pontinha de orgulho que nos agrada a série de textos em publicação no *Diário do Alentejo* sobre relevantes inscrições mandadas gravar pelos habitantes da *Colonia Pax Iulia*. E explicamos porquê: é que, até agora, descrevíamos os monumentos e interpretávamos a sua mensagem – e quedávamo-nos satisfeitos. Contudo, outra pergunta ficava no ar: para onde é que esses monumentos foram pensados? Que outros factores podem enriquecer, do ponto de vista histórico, a mera mensagem escrita? Ousámos enfrentar a polémica, porque, curiosamente, epígrafes conhecidas de há muito, quando desse prisma as quisemos analisar agora, acabaram por suscitar opiniões diversas – o que, naturalmente, novo enriquecimento traz à investigação histórica. Esta recordação dum filho pela mãe, sob a veste de dedicatória a uma divindade, era para ser colocada numa necrópole ou no fórum da cidade?³ E este pedestal não é mesmo duma estátua equestre? (Fig. 5). Por aí se caminha agora.

² ALMEIDA (Mauro de), *Filosofia dos Para-choques*, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Recife (Pernambuco), 1963.

³ ENCARNÇÃO (José d'), «A sábia esperteza daquela matrona pacense», *Diário do Alentejo* (Beja), nº 2055, 11-09-2021, p.13. <http://hdl.handle.net/10316/95720>

Fig. 5 - A encenação criada por J. L. Madeira para o pedestal duma estátua equestre de *Pax Iulia*.



JOSÉ LUÍS MADEIRA - 2021

Consulte o site

<http://ceaacp.uc.pt/>

para mais informação sobre as atividades do CEAACP

